

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO EM GEOGRAFIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO ANÁLISE AMBIENTAL**

**O COTIDIANO NAS PRAÇAS ASSISENSES: UMA ANÁLISE QUALI-
QUANTITATIVA**

Dissertação apresentada ao Exame de Defesa Pública ao Colegiado de Curso de Pós-Graduação – Mestrado em Geografia, Análise Ambiental, da Universidade Estadual de Maringá.

**THIAGO HERNANDES DE SOUZA LIMA
ORIENTADOR: PROF. Dr. BRUNO LUIZ DOMINGOS DE ANGELIS**

MARINGÁ
FEVEREIRO/2006

THIAGO HERNANDES DE SOUZA LIMA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em
Geografia Análise Ambiental, da Universidade Estadual de Maringá

Orientador: Prof. Dr. Bruno Luis Domingos De Angelis

Banca examinadora

Prof. Dr. Bruno Luiz Domingos De Angelis

Prof. Dr. César Mendes Miranda

Prof. Dr. Francisco Carlos de Francisco

Maringá
Fevereiro/2006

DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho a minha
mãe, grande amiga e
incentivadora, e ao Prof Bruno*

AGRADECIMENTOS

- Agradeço primeiramente a **Deus** por todas as graças e oportunidades postas em minha vida até o presente momento;
- Agradeço a todas as pessoas, empresas e instituições (públicas e privadas) que colaboraram no fornecimento de dados e informações para a confecção deste trabalho;
- Agradeço às pessoas e empresas para qual trabalho pelas oportunidades oferecidas e pela compreensão nos momentos de ausência para a elaboração desta dissertação;
- Agradeço aos amigos (as): Elizabeth Hernandez (mãe), Carlos Roberto de Oliveira, Prof^a Terezinha Oliveira, D. Clarisse, D. Dirce Roldão, Vinícius Rössler Afonso, Cláudio Salomão, Fábio Salomão, Prof^a Elaine Rodrigues, Viviane Porto, Moisés Filho, Gabriela Rubira, Cida (secretária do PGE), Prof^a Marta (Coordenadora do PGE), e a todos meus familiares e amigos. (cada um de vocês sabem o quanto foram e são importantes para mim!);
- Agradeço em especial o Prof. Orientador Bruno, não apenas pelos ensinamentos acadêmicos, pela valiosa orientação e liberdade de trabalho, mas pelos valores passados que carregarei pelo resto da vida. Bruno, obrigado por tudo!

REFLEXÃO

Tente outra vez (Raul Seixas – 1975)

Veja,

Não diga que a canção está perdida;

Tenha fé em Deus, tenha fé na vida;

Tente outra vez;

Beba;

Pois a água viva ainda está na fonte;

Tente outra vez;

Você tem dois pés para cruzar a ponte;

Nada acabou;

Não, não, não

Tente;

Levante sua mão sedenta e recomece a andar;

Não pense que a cabeça agüenta se você parar;

Não, não, não;

Há uma voz que canta;

Uma voz que dança;

Uma voz que gira;

Bailando no ar;

Queira, queria;

Basta ser sincero e desejar profundo;

Você seja capaz de sacudir o mundo;

Vai;

Tente outra vez

Tente;

E não diga que a vitória está perdida;

E é de batalha que se vive a vida;

Tente outra vez

RESUMO

O presente trabalho teve como principal objetivo realizar um levantamento quali-quantitativo de 19 das 60 praças da cidade de Assis (SP). Para que tal levantamento fosse possível, usou-se como metodologia de trabalho: aplicação de questionários, levantamentos bibliográficos, colóquios com o orientador, tabulação e sistematização de dados e elaboração de relatórios. Após a adoção destes procedimentos, constatou-se diferentes realidades à luz do estado de conservação, usos, formas, funções e estruturas das praças selecionadas. Com isso, foi propostas medidas para a melhoria das praças analisadas frente às principais deficiências constatadas.

Palavras chaves: Praça; Planejamento; Análise Quali-quantitativa; Assis.

ABSTRACT

The present work aims to achieve a qualitative and quantitative investigation from 19 to 60 squares in the city of Assis (SP). To make this possible the following work methodology was used: application of questionnaires, bibliographic researches, meetings with the guiding, analysis and systematization of the data and elaboration of reports. After the adoption of these procedures, different states of conservation, uses, shapes, functions and structures of the selected squares were verified. This way, proposed to the improvement of the selected squares were done based on the main needs presented.

Key-words: Square, Planning, Qualitative-quantitative Analysis; Assis

SUMÁRIO

1.	Considerações Iniciais.....	11
	justificativa.....	16
	objetivos.....	18
	metodologia.....	18
2.	Revisão Bibliográfica.....	24
	2.1. o espaço urbano.....	24
	2.2. praças: usos e funções.....	31
	2.3. praças: sinopse histórica.....	38
	2.4. a praça brasileira.....	39
3.	Assis: desenvolvimento e economia.....	43
	3.1. desenvolvimento do núcleo urbano.....	48
4.	As praças de Assis : uma análise quali-quantitativa.....	52
	4.1. análise quantitativa dos equipamentos.....	58
	4.2. análise qualitativa dos equipamentos.....	61
	4.3. caracterização das praças.....	63
5.	Resultados, Discussões e Considerações Finais.....	99
	Referências.....	103

Anexos

LISTA DE FIGURAS

Gráfico 1: análise quantitativa em valores percentuais dos equipamentos encontrados nas praças selecionadas.....	58
Gráfico 2: análise qualitativa em valores percentuais dos equipamentos encontrados nas praças selecionadas.....	62
Fotos 1 e 2: Vista parcial da Praça José Claudovino Dantas.....	63
Fotos 3 e 4: Vista parcial da Praça Segismundo Guazelli.....	65
Fotos 5 e 6: Vista parcial da Dom Pedro I.....	67
Fotos 7 e 8: Vista parcial da praça Ver. Benedito E. de Oliveira.....	69
Fotos 9 e 10: Vista parcial da praça Nicolau Carpentieri.....	71
Fotos 11 e 12: Vista parcial da praça Arlindo Luz.....	73
Fotos 13 e 14: Vista parcial da praça do Maçom.....	74
Fotos 15 e 16: Vista parcial da praça da Mocidade.....	76
Fotos 17 e 18: Vista parcial da praça da Prefeitura.....	78
Fotos 19 e 20: Vista parcial da praça Symphrônio Alves dos Santos.....	80
Fotos 21 e 22: Vista parcial da praça São Benedito.....	82
Fotos 23 e 24: Vista parcial da praça D. Leonor Mendes de Barros.....	84
Fotos 25 e 26: Vista parcial da praça Paschoal Santilli.....	86
Fotos 27 e 28: Vista parcial da praça Ernesto Nóbile.....	88
Fotos 29 e 30: Vista parcial da praça São José Operário.....	89
Fotos 31 e 32: Vista parcial da praça D. José Maritano.....	91
Fotos 33 e 34: Vista parcial da praça Antônio Silva.....	93
Fotos 35e 36: Vista parcial da praça 1º de Maio.....	95
Fotos 37e 38: Vista parcial da praça Werner Jasckhe.....	97

Tabela 1: Relação com o nome de todas as praças existentes no município de Assis.....	53
Tabela 2: relação com o nome das 19 praças selecionadas.....	54
Tabela 3: análise qualitativa das médias dos equipamentos encontrados nas praças selecionadas.....	61
Mapa 1: localização do município de Assis no Estado de São Paulo.....	48
Mapa 2: localização das praças selecionadas na área urbana do município de Assis.....	107

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A consciência da importância da escala em que se trabalha em Geografia é deveras importante. Não se consegue trabalhar em apenas uma escala ou, se isso acontecer, o pesquisador terá dificuldade de contribuir para a compreensão da totalidade da problemática espacial. Se ele estiver trabalhando na escala mundial, sem correlação com os problemas espaciais que dizem respeito ao cotidiano do seu objeto de estudo, a pesquisa em Geografia pode permanecer abstrata e o pesquisador não terá condições de compreender seu próprio espaço. Se ao contrário, estudar o espaço geográfico de cidade ou de um bairro e desconsiderar a relação com espaços de dimensões maiores, chegará a explicações restritas, insuficientes para a compreensão da totalidade.

O pesquisador precisa ter consciência da escala em que está produzindo Geografia em sua pesquisa: local, regional, nacional ou mundial, pois como vivemos em sociedade desigual do ponto de vista social e econômico, esse aspecto torna-se importante, já que cada parcela do espaço geográfico não se explica por si só. O estudo de qualquer parte da realidade não se deve restringir aos seus limites, mas estar inserido no interior de um contexto maior que é social, político, econômico, espacial e ambiental.

Desse modo, o jogo racional das escalas é importante para a compreensão entre os fenômenos sociais da mesma escala e a sua articulação com escalas de outras dimensões.

A escolha de um objeto de estudo, surge, geralmente, após indagações, reflexões e a necessidade de buscar respostas às inquietações que acompanham o pesquisador.

Para Ander-Egg (1978:28), a pesquisa é um “procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo do conhecimento”.

Assim, podemos entender pesquisa como um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então, quando a informação disponível encontra-se

em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema.

A pesquisa é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos. Na verdade, a pesquisa desenvolve-se ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados.

“Há muitas razões que determinam à realização de uma pesquisa. Podem, no entanto, ser classificadas em dois grandes grupos: razões de ordem intelectual e razões de ordem prática” (GIL, 2002:17).

Nem sempre é fácil delimitar o que se deseja investigar, e a realização da pesquisa é ainda mais difícil, pois exigem, do pesquisador, dedicação, persistência, paciência e esforço contínuo.

Toda pesquisa deve ter um estudo delimitado para saber o que se vai procurar e o que se pretende alcançar.

Nesse contexto, a Geografia, enquanto ciência dedicou-se à curiosidade de descrever e diferenciar lugares e locais, realizando estudos descritivos, entendidos nos postulados do que chamamos de “Geografia Tradicional”.

Atualmente face às transformações da sociedade e das novas exigências por respostas convincentes, a Geografia enquanto ciência, não poderia ficar restrita apenas à trabalhos descritivos, ou seja, regido pela mera descrição e representação no espaço geográfico. Hoje, é caracterizada por pesquisas comprometidas com a compreensão do emaranhado complexo e contraditório, desencadeado pelo processo de globalização, onde passa a ser considerado, as relações homem-meio.

E é nesse contexto e justamente com outros campos de estudo que a Geografia passou a estudar os espaços urbanos, mas não somente de modo descritivo, mas sim de modo analítico, preocupada em analisar e buscar os entendimentos necessários para a compreensão das diferentes relações que ocorrem no meio urbano.

Com isso, muitos são os desafios que se fazem presentes no campo de estudos geográficos no meio urbano; entre os quais se pode citar: a demografia, o modo de vida, os transportes, os mercados fundiários, as questões ambientais dentre outros.

Conforme nos afirma George (1983), a descrição do meio natural ocupa um lugar de destaque no estudo das cidades. Costuma-se relacioná-la com a busca de certas explicações sobre o desenvolvimento e com as opções de trabalho, mas não se devem procurar relações simples e de causa e efeito entre fatos físicos e humanos.

Nesta pesquisa, por diversas razões, será dado ênfase aos desafios vinculados às áreas livres urbanas, enfocando as praças da cidade de Assis, no Estado de São Paulo

De acordo com Silva (2000:8)

“Mediante o processo da produção do espaço urbano, privilegiando eminentemente as trocas e a circulação, faz-se necessário construir no campo do conhecimento geográfico, leituras em um outro caminho, mesmo que residual que forneça uma interpretação do espaço a partir do uso que não esteja capturado estritamente pela lógica do sistema capitalista. Assim, busca-se propiciar uma interpretação recolocando no cenário das discussões a problemática do espaço e a construção da sociedade urbana”.

Dessa maneira, ao propor estudar sobre as praças, estamos, antes de tudo, trabalhando com um tema que figura entre as principais características do espaço urbano.

Seguindo o pensamento de Santos (1997) na busca dos elementos que contribuem na busca do significado do espaço social, define-o, metodologicamente e teoricamente através de três conceitos gerais: *a forma, a estrutura e a função*.

Considerando a paisagem espacial como a combinação de objetos naturais e “fabricados”, Santos (1997) ressalta a importância da paisagem enquanto categoria de análise dentro da dinâmica temporal e social.

Em suas obras, Milton Santos fez questão de salientar a relação da sociedade com o espaço, relação essa que é determinada pelas necessidades e possibilidades de cada momento e agente social.

Assim, os espaços “vazios”, em especial as praças, sempre foram objeto de interesse, seja de estudo, seja de simples observação. Caminhando pelo centro das

idades, em especial em Assis, observa-se e entusiasma as diferentes paisagens que se “formam” de uma praça para outra. Quando falamos aqui em paisagem, não estamos falando apenas na paisagem visível, mas também daquela que se forma no imaginário quando lembramos dos momentos da infância, das tardes passadas brincando nas praças do bairro e assim por diante, isso sem falar nos movimentos que houveram nesses espaços ao longo da história.

É facilmente perceptível a importância que as praças exerceram com o passar dos tempos que, desde a Grécia antiga, a “mãe” da praça do mundo ocidental, já era um espaço de grande importância, pois era “palco” de discussões, debates, enfim, era usada como sinônimo de “democracia”, “liberdade”.

Na Europa medieval, era ponto de comércio, de circulação de pessoas, de reuniões e encontros. Nelas eram realizadas as cerimônias, festas populares e religiosas. Em muitas havia feiras. Muitas continham, ao seu redor, a casa da Câmara, a cadeia, a casa do governador e a igreja matriz. Os portugueses trouxeram para o Brasil essa tradição das cidades européias. Praticamente todas as cidades do Brasil têm, pelo menos, uma praça.

Pode-se dizer que no último quarto do século XX, as praças brasileiras perderam um pouco de sua função, pois algumas ficaram cercadas por avenidas de grande tráfego. Nas pequenas cidades elas ainda guardam suas características originais, principalmente a de ponto de encontro de pessoas. Nas médias e grandes cidades elas são alternativas de lazer e entretenimento. Porém, muitas prefeituras não cuidam das praças de suas cidades, o que contribui para que esses espaços que outrora foram marcados por simbologias e conquistas, hoje acabam sendo relegados a uma simples existência em um espaço “poluído” e sem inserção “viva” no contexto urbano.

Dessa forma, ao nos depararmos com um tema tão amplo como as praças da cidade de Assis, muitas coisas passaram por nossa mente, já que não estamos apenas trabalhando com algo inanimado e sim com um espaço que remete a lembranças, emoções e vivências, mesmo que remotamente em nossas lembranças.

Conforme Font (2003), podemos compreender as bases físicas de qualquer praça como um elemento tipicamente urbano. Neste contexto, as praças podem se configurar como:

- um espaço livre de edificações;
- um espaço público;
- um espaço de pedestres;
- marco referencial urbano;
- um espaço que confere caráter de centralidade e de territorialidade ao lugar;
- um ponto de convergência e dispersão de pessoas, atividades e funções;
- um espaço livre envolvido por um elemento imediato construído;
- resultado de ações urbanas de caráter endógeno e exógeno;
- um lugar de sociabilização, encontros, bem estar, jogos.

Pode-se dizer que as praças se confundem com o próprio surgimento da cidade. A cada transformação social a ideologia se renova e com ela as formas do espaço.

É importante salientar que não imaginávamos que teríamos uma jornada tão longa e exaustiva como a que enfrentamos no desenvolvimento da temática, contudo, a grande satisfação pessoal de poder cumprir cada etapa, também não era imaginada, uma vez que a cada etapa cumprida, percebia o quanto teríamos de nos aprimorar para poder realizar as propostas contempladas no projeto desse trabalho.

É nesse contexto que estaremos desenvolvendo o presente trabalho sobre 19 das 60 praças da cidade de Assis.

O trabalho será dividido organicamente em capítulos correlacionados, partindo da justificativa, onde estaremos tecendo as considerações sobre esse trabalho, ressaltando sua relevância e aplicabilidade.

No capítulo 1 estaremos apresentando a contextualização do objeto, ou seja, o universo do objeto e o objeto no universo. Estaremos também justificando a importância deste trabalho, onde ele pode ser um elemento contribuinte para a academia e principalmente, para a sociedade assisense. Estaremos expondo também os objetivos e a metodologia adotada para o desenvolvimento deste.

No capítulo 2 estaremos apresentando um resgate histórico das praças, destacando seus diferentes usos e funções ao longo da história, partindo da Ágora, passando pelo Fórum Romano, pelas praças medievais, renascentistas, barrocas e contemporâneas além dos aspectos que as praças brasileiras assumiram no decorrer do tempo. Neste mesmo capítulo, estaremos apresentando um resgate

histórico, uma contextualização sobre o espaço urbano, destacando algumas das relações desenvolvidas, espaços típicos deste meio, com ênfase aos espaços públicos e às praças.

No capítulo 3, faremos uma caracterização do município de Assis, a partir de sua colonização até os dias de hoje. Nesse mesmo capítulo estaremos abordando o desenvolvimento urbano do município de Assis, destacando a expansão e surgimento dos bairros e, por consequência, das praças que foram criadas.

No capítulo 4, estaremos apresentando os dados levantados e analisados. Vale ressaltar que não foram analisadas todas as 60 praças da cidade de Assis, mas sim uma análise por amostragem (19 praças) levando-se em consideração como critério de seleção, as que possuíam maior fluxo nos diferentes momentos do dia, maior diversidade de apropriações e usos, maior grau de incorporação junto ao bairro e à comunidade a qual fazem parte.

Após isso, estaremos apresentando no capítulo 5 os resultados e discussões com uma contextualização final do quadro encontrado, onde estaremos elencando algumas sugestões de melhorias e readequações.

1.1 JUSTIFICATIVA

Vários foram os fatores que contribuíram na decisão da escolha da cidade de Assis para o desenvolvimento da pesquisa.: local onde nasci e que possuo grande sentimento de afeto, facilidade por conhecer o local onde seria desenvolvida a pesquisa, facilidade maior na obtenção de documentos e materiais para o desenvolvimento da pesquisa, importância da temática no desenvolvimento urbano, carência de estudos na área secundado pelo enfoque geográfico.

Na delimitação do objeto e do *lucus* foi considerado também, o fato da maioria das praças da Cidade de Assis apresentarem até aquele momento, um péssimo estado de conservação, e isso nos inquietava muito, pois uma cidade com um passado e com a importância regional que Assis exerce não merecia ter suas praças praticamente “largadas à própria sorte” em virtude de administrações que pouco se preocupavam com a manutenção destes espaços de vital importância no contexto urbano.

É importante aqui ressaltar o importante momento histórico da cidade de Assis, qual seja, o centenário da cidade.

Pode-se constatar que no Município de Assis as políticas para o setor de praças se apresentam de modo pouco eficiente, pois é comum encontrarmos praças que mais parecem lotes/terrenos abandonados, dotados de nenhum elemento que o caracteriza como praça. E essa realidade é comum em todas partes da cidade, desde de bairros nobres até os mais populares, contudo, vale ressaltar que a situação piora conforme vamos nos distanciando das áreas centrais da cidade.

O que foi claramente percebido foi uma deficiência crônica que acompanha as mudanças periódicas dos administradores municipais, salvo onde a praça existe na zona central, onde se constatou uma maior “atenção” a esses espaços. Fora isso, praça em Assis é, comumente sinônimo de áreas verdes mal conservadas, além de serem locais onde ambulantes muitas vezes se instalam. Vale ressaltar que essas observações são baseadas nos dados coletados e cenários constatados no momento da realização do trabalho de campo.

Quando nos afastamos da área central é que os problemas de manutenção e conservação tornam-se mais graves, a ponto de encontrarmos praças que recentemente reformadas, por falta de manutenção encontravam-se em avançado estado de abandono.

No intuito de se conhecer a(s) razão(ões) para esse abandono e do desinteresse da comunidade assisense em relação à boa parte de suas praças é que já esta sendo desenvolvido a presente pesquisa. A opção por se estudar praças em zonas distintas – central e residencial – com características de usos, funções e estruturas físicas diferenciadas, baseou-se no fato que essas áreas têm número significativo de praças, uso contínuo pela população (seja como local de passagem ou lugar de permanência) e serem representativas no universo das praças assisenses.

1.2 Objetivos

Objetivo Geral

Realizar um estudo/levantamento quali-quantitativo sobre o estado de conservação/ manutenção das estruturas e mobiliário de 19 das 60 praças da cidade de Assis (SP) e elaborar um diagnóstico sobre as praças selecionadas destacando as diferentes formas e funções que cada praça exerce. Após essa etapa, realizamos sugestões de melhorias frente à realidade encontrada conforme a relação que cada praça exerce na comunidade a qual é inserida.

Objetivos Específicos

- Levantar, quantitativamente, estruturas e mobiliário;
- Analisar e avaliar, qualitativamente, estruturas e mobiliário;
- Avaliar os atributos de cada praça analisada para a realização de eventos comunitários
- Elencar sugestões que visem subsidiar políticas públicas para o setor.

1.3 Metodologia

A pesquisa será desenvolvida sobre 19 praças localizadas no município de Assis (SP).

Na presente pesquisa far-se-á uso do instrumental da pesquisa de campo, visto que tal expediente é o que melhor se coaduna para fazer frente ao trabalho pretendido.

A partir do contato com a problemática, busca-se atingir sua compreensão, ao mesmo tempo em que se faz uma interpretação desses espaços públicos – a praça – na Cidade de Assis (SP). O instrumental básico utilizado no estudo proposto consiste de duas partes iniciais: levantamento de natureza qualitativa e quantitativa.

Considerando que a pesquisa está alicerçada em um levantamento que focaliza dois aspectos das praças – qualitativo e quantitativo –, adotou-se os formulários propostos por De Angelis (2000), quais sejam: levantamento quantitativo (formulário 1), avaliação qualitativa (formulário 2).

Com o formulário 1 propõe-se levantar a existência ou não de equipamentos e estruturas – em número de vinte e duas. A escolha das estruturas e equipamentos que compõem o presente formulário levou em consideração o que mais comumente encontra-se nas diversas praças assisenses.

Através do formulário 2 busca-se avaliar o estado de conservação das estruturas e equipamentos ocorrentes nas praças, além de suas características de ambiência.

O formulário 2, comporta uma escala de pontuação que varia de 0 à 4, indo de péssimo à ótimo itens levantados no formulário 1.

Nesse contexto, as pesquisas de campo foram desenvolvidas no mês de fevereiro de 2005 e foi feita também uma nova análise no mês de julho de 2005 para verificar empiricamente se houveram transformações nas praças escolhidas, uma vez que os trabalhos de campo tinham sido realizados no início da atual gestão municipal e a verificação de julho, após alguns meses do início da gestão.

Foram utilizadas como fontes primárias:

- Material bibliográfico para a sustentação teórica e histórica sobre as praças e contextualização da história e desenvolvimento do município de Assis;
- Mapas e documentos sobre as praças selecionadas na Câmara Municipal de Assis, na Prefeitura de Assis, na Unesp de Assis, na USP de São Paulo;

Além destes procedimentos, foram realizados colóquios periódicos com o orientador para as adequações e direcionamento da pesquisa.

MODELO DOS FORMULÁRIOS

FORMULÁRIO 1 – Levantamento Quantitativo

Nome da praça: _____

Localização: _____

Zona: _____ Bairro: _____

Forma geométrica:

() quadrangular () circular () retangular () outra

Data da avaliação: ____/____/____

Levantado por: _____

EQUIPAMENTOS / ESTRUTURAS		SIM	NÃO
01	Bancos – quantidade: _____ Material:		
02	Iluminação: () alta - () baixa		
03	Lixeiras: - quantidade:		
04	Sanitários - quantidade:		
05	Telefone público - quantidade		
06	Bebedouros - quantidade:		
07	Caminhos - material		
08	Palco/coreto		
09	() Monumento () estátua () busto identificação:		
10	Espelho d'água/chafariz		
11	Estacionamento		
12	Ponto de ônibus		
13	Ponto de táxi		
14	Quadra esportiva - quantidade:		
15	Para prática de exercícios físicos Equipamentos:		
16	Para terceira idade Estruturas:		
17	Parque infantil Equipamentos:		
18	Banca de revista		
19	Quiosque de alimentação ou similar		
20	Identificação		
21	Edificação institucional		
22	Templo religioso		
23	Outros		

Observações: _____

Fonte: DE ANGELIS, 2000

FORMULÁRIO 2 – Avaliação Qualitativa:

ITENS AVALIADOS	NOTA
01. Bancos	
02. Iluminação alta	
03. Iluminação baixa	
04. Lixeiras	
05. Sanitários	
06. Telefone Público	
07. Bebedouro	
08. Piso	
09. Traçado dos caminhos	
10. Palco/coreto	
11. () Monumento () estátua () busto	
12. Espelho d'água/ chafariz	
13. estacionamento	
14. Ponto de ônibus	
15. Ponto de Táxi	
16. Quadra esportiva	
17. Equipamentos para exercícios físicos	
18. Estrutura para terceira idade	
19. Parque Infantil	
20. Banca de revista	
21. Quiosque para alimentação e/ou similar	
22. Vegetação	
23. Paisagismo	
24. Localização	
25. Manutenção das estruturas físicas	
26. Limpeza	
27. Segurança	
28. Conforto acústico	
29. Conforto térmico	
30. Conforto visual	
Outros:	

Fonte: DE ANGELIS, 2000.

Cada um dos 30 itens presentes no formulário 2 foram avaliados por conceitos – péssimos, regular, bom e ótimo –, aos quais correspondem notas que variam numa escala de 0,0 (zero) a 4,0 (quatro), conforme segue: 0 –/ 1,0 péssimo; 1,0 –/ 2,0 regular; 2,0 –/ 3,0 bom; 3,0 –/ 4,0 ótimo.

No intuito de se evitar que um mesmo equipamento ou estrutura tivesse diferente avaliação em diferentes praças, estabeleceu-se parâmetros fixos de avaliação, de acordo com o proposto por De Angelis (2000). Dependendo do elemento em foco, será considerado na avaliação: condições de conservação,

disponibilidade para uso, qualidade do material utilizado, manutenção, conforto, funcionalidade, entre outros. Na seqüência distinguem-se os parâmetros utilizados na avaliação de cada um dos itens do formulário 2.

- **Bancos:** estados de conservação; material empregado em sua confecção; conforto, locação ao longo dos caminhos – se recuados ou não, distribuição espacial – se em áreas sombreadas ou não, desenho, quantidade.
- **Iluminação:** alta ou baixa – em função da copa das árvores, tipo – poste, super poste, baliza, holofote, localização, conservação, atendimento ao objetivo precípua.
- **Lixeiras:** tipo, quantidade, localização, funcionalidade, material empregado, conservação.
- **Sanitários:** condições de uso, conservação, quantidade.
- **Telefone público:** localização – na praça, próximo ou distante de, conservação.
- **Bebedouros:** tipo, quantidade, condições de uso, conservação.
- **Piso:** material empregado, funcionalidade e segurança, conservação.
- **Traçado dos caminhos:** funcionalidade, largura, manutenção, desenho.
- **Palco/coreto:** funcionalidade, conservação, desenho, uso – freqüente, esporádico, sem uso, se compatível com o desenho da praça.
- **Espelho d'água/chafariz:** em funcionamento, se inserido ou não no contexto da praça, conservação.
- **Estacionamento;** conservação, sombreamento, segurança.
- **Ponto de ônibus e de táxi:** se na praça, próximo ou distante de, presença ou não de abrigo, conservação.
- **Quadra esportiva:** quantidade, conservação, material empregado, com iluminação, esporte passíveis de serem praticados, cercada.
- **Equipamentos para prática de exercícios físicos:** tipo e quantidade , material empregado, conservação.
- **Estrutura para a terceira idade:** estruturas existentes, conservação compatibilidade de uso com os usuários.

- **Parque infantil:** brinquedos que o compõe, material empregado de cor, se em área reservada e protegida, conservação, compatibilidade de uso com os usuários.
- **Banca de revista:** localização – periférica ou central, em evidência ou não, material empregado em sua construção, desenho, estética – se compatível com a praça.
- **Quiosque para alimentação e/ou similar:** tipo – trailer, carrinho, construção em alvenaria,..., higiene, estética, localização.
- **Segurança:** em função da localização, frequência das pessoas, policiamento e conservação.
- **Manutenção das estruturas físicas:** estado geral dos equipamentos e estruturas.
- **Limpeza:** varrição dos gramados e caminhos.
- **Localização:** se próximo ou distante de centros habitados, facilidade de acesso.
- **Vegetação:** estado geral, manutenção.
- **Paisagismo:** escolha e locação das diferentes espécies, criatividade, inserção do verde no conjunto.
- **Conforto acústico:** presença de agentes causadores de barulho.
- **Conforto térmico:** relação entre área sombreada e não: impermeabilização da área da praça e seu conjunto.
- **Conforto visual:** harmonia entre elementos construídos e vegetação, característica visual do entorno.

Após a avaliação e descrição conduzida em cada praça sobre os itens presentes efetuou-se a média aritmética simples, de onde se obteve uma nota final e, conseqüentemente, um conceito o qual permitiu classificá-la como estando em ótimo, bom, regular ou péssimo estado de conservação.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 O ESPAÇO URBANO

A completa análise sobre a história das cidades, do urbanismo e dos diferentes ícones e práticas materiais peculiares desse ambiente, solicita técnicas inter, multi e transdisciplinares.

O espaço urbano tem sido comumente estudado sobre diferentes óticas de análise, recebendo contribuições da Geografia, da História, da Economia, da Sociologia, da Ecologia, da Antropologia e tantas outras ciências.

Contudo, vale ressaltar que existe um consenso entre quase todas as áreas do conhecimento sobre a definição/ delimitação espacial da cidade. Nesse contexto, podemos definir de modo simples, sem grandes pretensões e discussões o espaço urbano como local de grande aglomeração populacional em determinados espaços dotados de infra-estrutura de serviços e atendimento às massas, a grandes contingentes populacionais, de um “espírito” urbano dentre outros fatores.

Nesse contexto:

“... a cidade é o palco da experiência cotidiana. A vida das pessoas, os seus projetos de felicidade e as suas vicissitudes transcorrem sobre o seu solo sedimentado de história e de memória, de suor, trabalho e festa. Uma experiência dividindo-nos entre o novo e o velho, entre a riqueza e a miséria, entre as utopias mais generosas de futuro e as profecias apocalípticas. Nos espelhados edifícios de escritórios, nos exclusivos bairros residenciais de alto padrão, nos shopping centers deslumbrantes, nas lojas e restaurantes sofisticados, respira-se o ar da modernidade urbana e até mesmo a promessa da pós-modernidade, nessa espécie de espaço simbólico onde nunca o sol se põe (BEI, 2003:12)

Para entendermos a cidades, não basta apenas observá-la ou viver nela, é necessário compreender a sua dinâmica, sua paisagem, além das diferentes relações nela desenvolvidas.

E é nessa linha de raciocínio que, constatamos a existência das cidades em todas as partes do mundo, mas cada uma com características em comum e específicas, variedade essa fruto da diversidade cultural e natural dos lugares.

Dentre os aspectos comuns, podemos destacar que todas são ocupadas por vias de circulação, por edificações, por áreas públicas e privadas.

Assim, seguindo Corrêa (2002), afirmamos que o espaço de uma grande cidade capitalista constitui-se em um primeiro momento de sua apreensão, no conjunto de diferentes usos da terra justapostos entre si. Este complexo conjunto de usos da terra é, em realidade, a *organização espacial* da cidade ou, simplesmente, o espaço urbano que aparece assim como espaço fragmentado.

Mas o espaço urbano é simultaneamente fragmentado e articulado: cada uma de suas partes mantém relações espaciais com as demais, ainda que de intensidade muito variável.

A articulação manifesta-se também de modo menos visível. No capitalismo, manifestam-se através das relações espaciais envolvendo a circulação de decisões e investimentos de capital, mais-valia, salários, juros, rendas, envolvendo ainda a prática do poder e da ideologia.

Ao se constatar que o espaço urbano é simultaneamente fragmentado e articulado, e que esta divisão articulada é a expressão espacial de processos sociais, introduz-se um terceiro momento de apreensão do espaço urbano; é um reflexo da sociedade. Assim, o espaço da cidade capitalista é fortemente dividido em áreas residenciais segregadas, refletindo a complexa estrutura social em classes; a cidade medieval, por sua vez, apresentava uma organização espacial influenciada pelas guildas, as corporações dos diversos artesãos. Mas o espaço urbano é um reflexo tanto de ações que se realizam no presente como também daquelas que se realizaram no passado e que deixaram suas marcas impressas nas formas espaciais do presente.

O espaço da cidade é também um condicionante da sociedade.

Fragmentada, articulada, reflexo e condicionante social, a cidade é também o lugar onde as diversas classes sociais vivem e se reproduzem.

Eis o que é o espaço urbano: fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campo de lutas.

O espaço urbano, como se indicou, é constituído por diferentes usos da terra.

O interesse em conhecer e atuar sobre a cidade deriva do fato de ser ela o lugar onde vive parcela crescente da população. Mas também de ser o lugar onde os investimentos de capital são maiores, seja em atividades localizadas na cidade,

seja no próprio urbano, na produção da cidade. E mais; de ser o principal lugar dos conflitos sociais.

Apoiando-se em Correa (2002), a análise geográfica do espaço urbano é feita de diferentes modos, de acordo com as diversas correntes do pensamento geográfico. Assim, por exemplo, o espaço urbano pode ser analisado como um conjunto de pontos, linhas e áreas. Pode ser abordado a partir da percepção que seus habitantes ou alguns de seus segmentos têm dele e de suas partes. Outro modo possível de análise considera-o como forma espacial em suas conexões com estrutura social, processos e funções urbanos. Por outro lado ainda, o espaço urbano, como qualquer outro objeto social, pode ser abordado segundo um paradigma de consenso ou de conflito.

- **Espaços públicos:**

As informações apresentadas neste tópico foram elaboradas usando como principal referência o teórico Yázigí (2000).

Os espaços públicos são tão antigos quanto às cidades. Fatores como tamanho da comunidade, sistema político e social, estilo e prioridades de um governo, tradições culturais, econômicas dentre outros fatores acabam por alterar as formas de uso e ocupação dos “espaços públicos”.

À luz da Geografia, os espaços públicos acabam tendo um horizonte ainda mais amplo, uma vez que todos os elementos da cidade, direta ou indiretamente estão relacionados aos espaços públicos, nem que seja apenas pelas vias de circulação. Estamos dando uma atenção especial aos espaços públicos urbanos em virtude do objeto deste trabalho – as praças – se localizarem no contexto urbano do município de Assis.

Sob a organização e estruturação dos espaços públicos, é importante frisar que é impossível desassociá-lo dos espaços privados, uma vez que ambos estão organizados sob o prisma de um poder maior hegemônico.

Sobre a sua gênese, forma, função, desde muito antes do século XX, muitos autores já se dedicavam a estudar os espaços públicos nas suas mais diferentes estruturações e configurações. Vale lembrar que em cada momento histórico em que era estudado, haviam influências, ora pelo poder da igreja, ora por influências econômicas ou culturais e assim por diante.

Assim, podemos ver os espaços públicos como uma plataforma comum onde o povo leva à cabo todas as características funcionais e rituais a comunidade, tanto rotineiras como as periódicas.

Merecedor de destaques também, é que quando vamos estudar os espaços públicos, jamais devemos deixar de considerar o seu entorno, um que acaba sendo influência do outro, numa verdadeira combinação de sistemas/instâncias. – humano e natural, público e privado e assim por diante.

Sob a ótica da Geografia, principalmente com a escola francesa, a elaboração da noção e conceito de *espaço* já é realizado como algo humanizado, ou seja, influenciado constantemente por intervenções antrópicas.

Seguindo esse raciocínio, podemos fazer uma ligação aos dizeres de Santos (1985), que diz que devemos considerar o espaço como uma instância da sociedade, ou seja, a essência do espaço é social. É importante frisar as contribuições de Milton Santos quando propôs a consideração da forma, estrutura e função enquanto categoria de análise nos estudos dos espaços públicos.

Deste modo, podemos constatar que o espaço é o resultado da soma e da síntese, sempre bem feitas, da sociedade com a paisagem.

- **O bairro**

Podemos dizer que o bairro, conforme Duarte (2001) surge, antes de mais nada, como uma dimensão prática da existência dos cidadãos, um meio de satisfazer parte de suas necessidades humanas. Por isso, fala-se em “bairros da cidade”, quase sempre como uma conotação natural, neutra, como um lugar produzido e apropriado pelo trabalho humano. Assim, os bairros em geral atendem fundamentalmente à função de moradia e são organizados socialmente para o atendimento de necessidades cotidianas coletivas de seus moradores, dentre as quais, escolas, postos médicos, abastecimento, comunicação, segurança, lazer, pequenos serviços etc, é onde se dá a manutenção dos laços de vizinhança e de solidariedade na cidade. Nesse caminho, o bairro pode aparecer como determinação essencial, idêntico à própria cidade e à vida urbana em geral.

Conforme o tempo foi passando, em alguns casos, os “bairros” foram assumindo usos e funções diferentes àquelas da sua criação. Muitos são os motivos que levaram a essas alterações. Dentre essas, podemos citar a criação de outros

bairros, as mudanças na organização econômica e espacial das cidades, as mudanças de comportamento e valores da sociedade, mudanças nos modais de transportes etc.

Mesmo sendo componente do tecido urbano, os bairros, ou frações do território urbano de determinado município, são também diferenciados pelo poder aquisitivo de seus moradores, e esse poder aquisitivo, salvo alguma exceção, atua diretamente na aparência e na forma de apropriação, até mesmo dos espaços públicos como ruas, calçadas, praças, parques etc.

Mesmo com todas essas diferenças que surgem em razão das mais diversas causas, Silva (1982) o bairro se constitui como lugar da vida comunitária e do poder local. Quer sua origem seja o aglomerado rural, o loteamento urbano, ou o apêndice residencial da atividade industrial ou portuária, ele se define como um conjunto restrito de edificações, mais ou menos densas, que se organizam juntamente a certo número de serviços públicos e privados a ele relacionados. Nesse sentido, ele possui um significado geral válido para situações diversas.

- **A praça**

Conforme Moro (2003), a praça é uma característica morfológica das cidades ocidentais. Caracteriza-se pela intencionalidade de relação entre o vazio e os edifícios circundantes. Local de encontros e de práticas sociais, manifestações da vida urbana e comunitária. Com o novo urbanismo, a qualificação e a significação social da praça perdem seu valor, surgindo espaços degradados e marginalizados em sua maioria, que dependem de um esforço extra da municipalidade para a valorização e aceitação enquanto espaço público.

Elemento de permanência, por ser um dos fatos urbanos que melhor persistem no tecido urbano e resistem a transformações, constitui por si só um determinante na imagem da cidade.

A praça em seu processo de formação pode ser configurada tanto de modo endógeno como exógeno, sinalizando que ela relaciona intimamente a um fato urbano, e nessa relação a praça sempre estará presente, de um modo ou de outro, expressando-se a partir de modelos vernáculos ou eruditos. Entendamos vernáculos como algo que foi se consolidando, se formando ao longo da história, construído por regras próprias, no cotidiano das sociedades.

Sendo parte do conjunto dos espaços coletivos das cidades, as praças se caracterizam dentre outros fatores por serem públicas ou privadas, pertencendo geralmente a uma comunidade ou coletividade.

A praça, figura derivada dos diferentes fatores urbanos pode ser associada ou percebida segundo processos de formação, localização e inserção na malha urbana e no sistema viário de transportes.

Nesse contexto as cidades de pequeno e médio porte, de um modo geral, têm no seu contexto urbano um espaço, conhecido como praça principal, que é de fundamental importância para o agregamento social da comunidade. No entanto, atitudes políticas e administrativas têm colocado em risco esse lugar, promovendo intervenções quase sempre agressivas e que, em muitos casos, levam mesmo a um processo de supressão gradativa.

Dessa forma, como outros espaços abertos dentro do contexto urbano, as praças possuem vários significados simbólicos importantes, que apresentam indícios para a percepção e discernimento das relações espaciais da cidade. “As praças podem, também, apresentar singularidades da cidade, conferindo qualidade de “natureza” para o homem urbano, permitindo que ele se afaste das pressões cotidianas nos momentos em que usufrui desse espaço tão importante” (GOMES, 1997:1).

Pelas suas próprias características, as cidades interioranas, ainda guardam certo “ar de purismo, de boas intenções” quando se falam em praças, principalmente aquelas de valor histórico, antigas e incorporadas por gerações como local de encontro. Entretanto, novos tempos vieram, e com esses, as mudanças culturais, comportamentais e de valores sociais também.

Assim, políticas públicas passaram a “agredir” algumas praças com reformas ou intervenções completamente descontextualizadas do momento histórico-cultural que essas praças representavam até então.

O objetivo dessas intervenções era tão somente “modernizar” esses espaços, visando à perpetuação em um futuro, mesmo que isso representasse a destruição de um passado, de uma história, de uma vida.

Não diferente dos dizeres acima, ao entrar em contato mais direto com o objeto desse estudo e apoiado com as informações apreendidas e aprendidas durante os colóquios, levantamentos bibliográficos e vivência nos locais a serem estudados, passamos a perceber quantas agressões foram feitas em algumas das

praças de Assis, em reformas em que não houveram um planejamento prévio, pesquisa histórico-cultural dos espaços alterados, para poder avaliar qual seria a melhor forma de intervenção, ou até mesmo, restauração.

Conforme Carlos (1992), as cidades transformam-se, transvestem-se em paraísos tecnológicos oferecendo aos seus habitantes falsas benesses. As coisas mais simples, como crianças brincando nas ruas ou os lugares de festas e de encontro desaparecem; as praças, transmutadas em concreto, prevalecem; tudo isso somado faz com que as pessoas percam suas próprias referências. Os espaços públicos foram banalizados ou relegados ao esquecimento, quando não a eles lhes conferiram função totalmente diversa. O espaço ocupado pelas praças cede lugar a estacionamentos, ou então passam a ser território de desocupados, prostitutas e toda sorte de miséria humana. As calçadas, tomadas de assalto por camelôs e ambulantes, não permitem o fluir normal de pedestres por esse espaço que a eles pertencem. Os parques, abandonados, transformaram-se em áreas para crescimento natural do mato que a tudo envolve. O cidadão, principalmente aquele de menor ganho aquisitivo, sem poder usufruir desses espaços, vê-se acuado entre o local de trabalho e sua moradia”

Com isso, muitas praças deixaram de ser lugar de encontro, lazer e entretenimento e passaram a ser locais evitados, pois a falta de planejamento, já pode ser percebida no traçado dos caminhos, na forma em que os bancos estão dispostos no ambiente, na ausência de lixeiras, na falta do bom senso na escolha das espécies vegetais utilizadas.

Entendamos lugar apoiando em Santos (1996), sendo a base de reprodução da vida e podendo ser analisado pela tríadade: habitante-identidade-lugar. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se o plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos de uso, nas condições mais banais, desde o plano secundário até o acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensando, apropriando e vivido através do corpo.

Muitas praças, devido a essas “intervenções”, passaram a ser verdadeiras “colchas de retalhos”, pois a mistura de espécies vegetais, de equipamentos físicos dentre outros, é tão intensa e sem planejamento arquitetônico, que acaba agredindo, poluindo visualmente os seus freqüentadores.

A Praça é antes de tudo, um local “sagrado”, da mistura e convivência do sagrado com o profano, do coletivo com o individual, do místico com o popular, do real com o imaginário, do histórico com o atual, pois ao longo de sua “história” muitas foram ou são as atribuições aferidas a esses espaços; ela já foi símbolo da democracia, local de comércio, de entretenimento, palco de manifestações.

Vale ressaltar que a praça é considerada como o mais típico lugar do meio urbano. Relaciona-se ao próprio conceito de urbano, o que reforça o sentido da centralidade de sua concepção.

Pode-se afirmar que em alguns lugares públicos como as praças, o lazer está diretamente ligado à memória, às lembranças, às saudades, ao imaginário.

A vida na praça, conforme Silva (2000) reflete como o espaço público que foi, paulatinamente, sendo esvaziado, abandonado por segmentos economicamente médios da população. As mudanças de valores da burguesia promovem a transferência das atividades (culturais, sociais, econômicas) antes realizadas nos espaços públicos ou nas proximidades, para os *shoppings centers*, lugares modernos, selecionado de outras áreas das cidades.

2.2 Praças: usos e funções

Muitas são as definições referentes ao termo *praça*. Mesmo havendo divergências e discussões sobre um consenso na definição de seus usos e funções, todos concordam que são espaços públicos característicos do meio urbano.

Tomando como base os dois principais referenciais teóricos desse trabalho De Angelis (2000), e Robba & Macedo *Praças Brasileiras*, (2002), podemos entender praças como espaços livres públicos no cenário urbano, destinados ao lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livres de veículos, sejam esses espaços contemplados por áreas verdes ou não.

Estudada pela ótica da Geografia, podemos entender a praça não somente como um espaço físico materializado sob a forma de mobiliário urbano, paisagismo e arborização, cujo objetivo seja o de dotar as cidades de “ilhas verdes” para o seu embelezamento. Levamos o presente trabalho a uma seara pouco explorada em nosso país, que é a apreensão desses espaços balizados pela questão política, econômica, social e cultural. Qual seja, o entendimento da praça considerando aquele que dela faz uso: o homem. E esse

espaço de que estamos tratando pode ser resumido em uma definição muito simples de, como sendo “igual à paisagem mais a vida nela existente; é a sociedade encaixada na paisagem, a vida que palpita conjuntamente com a materialidade” SANTOS (1988, p. 73).

Conforme nos afirma De Angelis (2000), tem sido usual o estudo das praças a partir de uma visão arquitetônica e, mais recentemente, pelo enfoque da percepção ambiental. Nesse trabalho estaremos contemplando as praças não somente como estrutura física, mas também enquanto espaço público destinado e ocupado pelo homem para usos e funções mais diversas. E é justamente por considerar esses mais diversos atributos que realizamos uma análise quali-quantitativa para avaliar se esses espaços vitais para a harmonia urbana, possuem condições de abrigar os diferentes usos de uma população urbana cada vez mais crescente.

“A praça, desde muito (Ágora e fórum romano), fora concebida como espaço social por excelência, onde nela, comumente, desfilava o cotidiano das pessoas. Ora como local de encontro, de tomada de decisão de interesse da comunidade, de espetáculo, execuções, ofício religioso, comércio, festas, enfim, a vida da cidade tinha, necessariamente, que passar por ela. Com o advento de formas alternativas de lazer, e novos locais para estabelecimento do comércio, associado ao descaso persistente do poder público frente à manutenção das praças, essas passaram a se constituírem em um fragmento a mais dentro da malha urbana. A importância que lhe é dada nos dias de hoje não condiz com a necessidade crescente que as cidades e, por conseguinte, seus habitantes, têm desses espaços” (De Angelis, 2000:38).

Desde a Antiguidade os jardins têm sido designados como locais propícios à meditação e à contemplação junto à natureza. O jardim representava a metáfora do Éden, associado a sua compreensão, o imaginário do paraíso.

Os jardins ocidentais até o final do século XVIII, guardavam o intuito de serem um lugar de paz e tranquilidade, entretanto estavam quase que sempre confinados em palácios, mosteiros e conventos.

Foi na Europa, em finais do século XVIII e início do XIX que apareceram os primeiros espaços ajardinados destinados ao uso da coletividade. Eram os chamados passeios públicos ou alamedas, que mantiveram as características dos

jardins palacianos, como áreas de contemplação, meditação, passeio e fruição dos prazeres ao ar livre.

Vale ressaltar que raramente esses espaços eram encontrados nas cidades coloniais brasileiras, estando restritos às propriedades religiosas ou aos quintais das residências, onde eram cultivadas espécies arbóreas frutíferas, hortaliças e plantas medicinais.

O chamado Novo Mundo, principalmente a sua porção católica, construiu os primeiros jardins públicos contemporâneos aos da Europa.

No decorrer da história e com a evolução das cidades, o papel das praças se alterou significativamente no contexto urbano, entretanto, o papel, a função, o caráter social que sempre a permeou, permaneceu com a sua mais peculiar característica, ou seja, de ser, de servir de espaço onde o cidadão pode circular livremente, sem restrições, de ser local de encontro, de lazer e de discussões.

Atualmente, muitos estudiosos e pesquisadores do assunto, resgatam a força cívica e histórica da “ágora grega”, do “fórum romano” com o intuito de demonstrar a força que esses espaços, ou seja, as praças, possuíam na Europa, sendo caracterizadas como espaços polivalentes, caracterizados pela existência de manifestações populares.

Conforme nos afirma Robba & Macedo (2002:15)

“as piazze italianas, as places royales francesas, as plazas mayores espanholas e as squares inglesas também são frequentemente objeto de estudos sobre a formação do espaço público urbano e estão normalmente associados ao ideal máximo de praça pública”.

Segundo De Angelis (2000), no decorrer da História, a praça tem sido um espaço no qual fatos de maior relevância nela ocorreram. Na ágora, Sócrates fora colocado sob processo. No Fórum de Roma nasceu o Império homônimo. A Praça de São Petersburgo foi o berço da Revolução Comunista na extinta União Soviética. Na Plaza de Mayo, Buenos Aires, surgiu e resiste o movimento de mães que buscam seus filhos desaparecidos durante o regime militar. A Praça de Tiananmen - ou T'ien-Na-Men - (Praça da Paz Celestial), em Pequim, é símbolo e testemunha da agonia e morte dos que buscavam democracia e liberdade na primavera de 1989.

“A sociedade, em constante mutação, tem conferido feições diversas às praças ao longo do tempo. Assim o é desde a **ágora** onde,

segundo Saldanha (1993), mais do que praça de mercado ela era o espaço central e vital, tornado historicamente símbolo da presença do povo na atividade política. Os gregos diziam que havia povos com ágora e povos sem ágora, uns com liberdade e outros sem liberdade. Centro dinâmico da cidade grega, a ágora é a antecessora remota de nossas praças. Quando de sua origem, era o local de reunião dos cidadãos; espaço aberto, foco da composição urbanística onde se fazia uso da palavra, falava-se de política e se formavam as correntes de opinião. Nela se fazia presente o cidadão comum que fazia valer seu direito de expressar seu pensamento. Para Mumford (1982) a função social do espaço aberto persistiu nos países latinos - *plaza*, *campo*, *piazza*, *grand-place* - descendendo diretamente da ágora” (De Angelis, 2000:40).

Importante lembrar que a morfologia das praças européias estava inserido na dinâmica e no contexto da cidade de épocas passadas.

Mas o que seria a praça hoje para os cidadãos urbanos “modernos”? Podemos entender cidade como um espaço amplo e diversificado, complexo, não havendo uma única forma ou função para determinados espaços, e sim, uma série de possibilidades, materializadas por inúmeras identidades práticas e cotidianas, que variam conforme a vivência, expectativa e imaginário de cada freqüentador, através de ajustes aos novos arranjos dos lugares.

Vale ressaltar que nas cidades interioranas e até mesmo nas vilas rurais, as praças estão associadas a locais não apenas de encontro, mas também de entretenimento, com a realização de “quermesses” ou outras manifestações das diferentes culturas regionais.

Nos bairros periféricos acabam sendo associadas ao ócio e a incipientes atividades de negócio.

Nas praças de cidades de porte médio a grande, cenas como práticas de atividades esportivas, bate-papo diário entre aposentados, casais namorando, jovens passeando, conversas no final da tarde tem sido cada vez menos comum, em virtude de diferentes razões, dentre as quais podemos citar a falta de segurança e de manutenção dos equipamentos.

Infelizmente, nesses casos, tem sido relegado à algumas praças a simples função de local de passagem e de referência, negando assim, todo o glamour que outrora permeava o imaginário das praças.

Conforme as cidades vão crescendo e as praças incorporadas ao cenário urbano sem planejamento, estas acabam deixando de ser pontos específicos do lazer e do encontro, passando a ser apropriadas por atividades do comércio,

estacionamento de veículos e, dependendo de sua localização, transformam-se em locais de atividades ilícitas, essas últimas mais comuns nos centros urbanos de maior porte.

Vale ressaltar que independente do que se busca, as praças são marcadas por uma grande fluidez na circulação de pessoas.

Quando falamos em praças, principalmente nós moradores de área tropical, logo nos vêm em mente áreas que deveriam ter espaços tomados por gramados, árvores, pássaros etc. Entretanto, quando falamos de um universo tão amplo e antigo como as praças, se faz de suma importância lembrar que esses espaços possuem formas, feições, usos e funções dos mais variados possíveis, indo desde espaços repletos de verdes até espaços completamente impermeáveis sem nenhum “verde” e, mesmo assim, cumprindo a sua função.

A abrangência do termo gera algumas distorções quanto à terminologia dos espaços urbanos, pois algumas áreas batizadas de praça são apenas canteiros ou jardins urbanos remanescentes do traçado do sistema viário. Essa constatação é muito comum na realidade desse estudo. Canteiros centrais de avenidas, jardins, rotatórias, taludes e encostas ajardinadas são exemplos de jardins urbanos comumente chamados de praças.

Desse modo, podemos dizer que existe uma dificuldade com relação aos diferentes termos utilizados sobre as áreas verdes urbanas. Similaridades e diferenciações entre termos como áreas livres, espaços abertos, áreas verdes, sistemas de lazer, praças, parques urbanos, unidades de conservação em área urbana, arborização urbana e tantos outros, confundem os profissionais que trabalham nessa área. Esse problema existe nos níveis de pesquisa, ensino, planejamento e gestão dessas áreas, e conseqüentemente, nos veículos de comunicação. Nesse sentido foi desenvolvido um trabalho por Lima et al (1994), na tentativa de definir esses termos, através de consultas à profissionais que trabalham nessa área e a experiência do grupo que desenvolveu o trabalho. A seguir seguem algumas definições retiradas desse trabalho:

a. Espaço Livre: Trata-se do conceito mais abrangente, integrando os demais e contrapondo-se ao espaço construído, em áreas urbanas. Assim, a Floresta Amazônica não se inclui nessa categoria; já a Floresta da Tijuca, localizada dentro da cidade do Rio de Janeiro, é um espaço livre.

b. Área Verde: Onde há o predomínio de vegetação arbórea, englobando as praças, os jardins públicos e os parques urbanos. Os canteiros centrais de avenidas e os trevos e rotatórias de vias públicas, que exercem apenas funções estéticas e ecológicas, devem, também, conceituar-se como área verde. Entretanto, as árvores que acompanham o leito das vias públicas, não devem ser consideradas como tal, pois as calçadas são impermeabilizadas.

c. Parque Urbano: É uma área verde, com função ecológica, estética e de lazer, entretanto com uma extensão maior que as praças e jardins públicos.

Dessa forma, independente de ser praça, jardins, canteiros, parques ou qualquer outra denominação, esses “espaços verdes” são de fundamental importância, atuando diretamente na melhoria da qualidade ambiental, pois permitem melhor circulação de ar, insolação e drenagem, além de servirem como referenciais cênicos da cidade.

Vale ressaltar que independente da nomenclatura ou classificação recebida, um espaço público só pode ser entendido como praça se possuírem alguma função social no contexto urbano, como atividades de lazer e recreação, serem locais de encontros e debates comunitários, serem antes de tudo freqüentados.

Dentro do contexto urbano, pode-se considerar a praça como um local onde o usuário mantém ordem e controle sobre o mundo natural e onde também há uma expectativa de como as plantas devem se comportar na cidade. Somando a isso, considere a praça como um local conflitante, onde as plantas trazem emoção, e o “cimento” ardor, e o usuário, as prerrogativas que lhes levaram a freqüentar tal espaço.

No que tange ao direito dos espaços públicos, escreve (SANTOS, 1996:48 *in* De ANGELIS 2000: 38), “Hoje, os espaços públicos (praias, montanhas, calçadas etc) foram impunemente privatizados”. Pode-se dizer mais que isso. Os espaços que não foram “privatizados”, acabaram sendo com algumas poucas exceções, deixados à mercê da “sorte”, do tempo e das conseqüências dos usos inadequados da população e dos maus tratos por parte do poder público.

Assim, tem sido muito comum nas praças, a perda de espaço de convivência e encontro que cedem lugar a estacionamentos para veículos automotores, principalmente nas áreas centrais das grandes cidades. As calçadas e as praças,

além de estacionamentos, têm sido tomadas pela presença cada vez mais intensa de camelôs e de ambulantes, comercializando os mais diversos produtos.

Dessa forma, o morador da cidade, principalmente aquele de menor poder aquisitivo, que por essa situação não lhe é “permitido” freqüentar espaços alternativos como shoppings, clubes particulares dentre outros espaços, acaba tendo uma das suas únicas alternativas de entretenimento, lazer e encontro, barradas em virtude de usos inadequados de logradouros públicos e do descaso das autoridades competentes que não atuam como agentes fiscalizadores e zeladores desses espaços.

As cidades carregam o potencial de ser o local a oferecer as mudanças e as alterações de comportamento para as pessoas que ali residem. Dessa forma, esses espaços urbanos – praças – carregam, congregam e dão valores a essas mesmas cidades. Entretanto, vale ressaltar que é mediante a importância que o morador dá as praças que essas irão influenciar as cidades, seja positiva ou negativamente.

Outra função exercida pelas praças e que em muitas situações passam despercebidas pelos “cidadãos” – moradores e freqüentadores das cidades – é a sua importância como referencial de orientação, uma vez que esses espaços conduzem a uma organização de centralidade, de localização, ou seja, é algo inerente à praça urbana.

Apoiando-se em Managni(1996), as praças ligam-se a finalidades diversas no âmbito da vida social. Revelam o próprio significado/essência da cidade; é muito comum ambas se confundirem. É nesse lugar que se coloca no interior das cidades, que se abriga a coletividade/ diversidade possibilitando o “encontro entre desconhecidos, a troca entre diferentes, o reconhecimento dos semelhantes, a multiplicidade de usos e olhares tudo num mesmo espaço público, e regulado por normas também públicas.

2.3 Praças: sinopse histórica

Na História tem sido possível o homem encontrar um campo fértil para subsidiar a compreensão de fatos ocorridos em seu cotidiano. Neste contexto, (PORTOGUESI, 1995:22 *in* DE ANGELIS, 2000: 38), nos diz que “A história de qualquer praça é uma história de transformações”. Transformações essas que refletem e acabam se perpetuando e materializando nos espaços públicos. E é nesse contexto que estaremos fazendo uma pequena seqüência histórica das praças ao longo do tempo, tendo por ponto de partida a ágora e finalizando na praça brasileira.

O processo de resgate histórico foi realizado apoiando-se em De Angelis (2000).

- **Ágora:** local que representava “liberdade”. Ali, as pessoas além de fazerem reuniões, podiam expor suas opiniões ao símbolo do poder.
- **Fórum romano:** local de comércio e política popular.

Tanto a ágora ou o fórum romano, eram a tradução da necessidade de existência de espaços onde era possíveis reuniões, comercializar, discutir idéias. Mas antes de tudo, eram espaços onde os homens podiam exercer alguns princípios de cidadania.

- **A praça medieval:** possuem um caráter mais diverso, menos lúdico, assumindo funções de local de espetáculos e comércio.
- **Mundo islâmico:** eram espaços públicos e centros comerciais. Mas vale lembrar que segundo Burke (1997) *in* De Angelis (2000) diz que não havia praças antes do século XIX.

No Japão e na China antiga não se fazia presentes praças públicas.

- **Plaza Mayor:** são marcas hispânicas, onde se constitui como elemento central, assumindo diferentes funções ao longo do tempo: mercado, touradas, representações teatrais e práticas de justiça.
- **Praças renascentistas:** foi no renascimento que as praças se inseriram definitivamente no contexto urbano da forma que a concebemos hoje,

considerando que largos, adros (terreno em frente e/ou em volta da igreja, plano ou escalonado, aberto ou murado; períbolo, átrio) fronteiros existentes ou outros espaços públicos medievais, não podiam ser entendidos como praça. Nesse período que as praças são entendidas também como elemento embelezador das cidades e não apenas como um vazio urbano, passando a exercer um valor político-social, e também o máximo valor simbólico e artístico.

- **Praça barroca:** é mais monumental que funcional. Não é dotada de mercados, e este sede lugar aos jardins, árvores, bancos e outros ornamentos. Os espaços abertos são valorizados pela arquitetura.

Importante aqui ressaltar que as praças antecessoras ao modernismo, tinham como principal característica, uma função endógena e estavam submetidas a um edifício (igreja, algum edifício municipal, propriedade de um palácio).

- **A praça contemporânea:** surge como um espaço que não tem uma função específica, e que nem depende de edifício ou monumento. Sua principal função é de servir como um lugar agradável e atrativo ao encontro e reuniões. Contudo, contata-se que esses espaços atualmente estão sendo cada vez mais, um espaço onde encontramos pessoas isoladas, solitárias, quando às encontramos.

Além do descaso na manutenção por parte do poder público e de atos de marginalidade, outro fator que contribui muito para isso, é que outros espaços vêm surgindo como local de encontro, reuniões. O símbolo máximo desse “novo”, são os *shoppings-centers*.

2.4 A praça brasileira

No Brasil, como marco dessas benfeitorias, se destaca o Passeio Público do Rio de Janeiro como o primeiro espaço ajardinado público do Brasil, contudo, esse espaço, a priori, estava destinado somente a deleite da elite burguesa da sociedade carioca, o qual entrou em decadência após alguns anos de sua construção. A inexistência de uma classe burguesa urbana que necessitasse daquele espaço não oficial para suas manifestações, ao lado da multiplicidade de

usos que as praças e largos coloniais permitiam, transformou o Passeio Público do Rio de Janeiro em um espaço vazio, inseguro e pouco atraente para a aplicação de recursos públicos.

É nesse momento que:

“... as praças e as ruas mais importantes passam a receber tratamento de jardim sendo ornadas com canteiros de árvores e flores ornamentais. Como era de se esperar, o sucesso do processo de ajardinamento da cidade é enorme, e algumas das praças coloniais mais antigas e tradicionais recebem vegetação e tratamento de jardim, perdendo algumas de suas peculiaridades como largo, pátio e terreiro.” (ROBBA & MACEDO,2003:26).

A influencia exercida pela França e Inglaterra e as necessidades do país se conectar com a nova ordem social, econômica, na virada do século XIX, proporcionaram o surgimento de movimentos e campanhas de modernização e embelezamento das cidades, visto que era necessário que a cidade deixasse de ser símbolo colonial e passasse a ser símbolo republicano. É nesse contexto, que as cidades são transformadas, passando por uma verdadeira mudança na concepção do característico paisagístico urbano, surgindo os bairros-jardins e os Boulevards.

Nessa nova concepção urbana, bairros passam a ser reformulados, e os que surgem, já entram dotados de jardins, de avenidas com canteiros centrais. A idéia nessa nova concepção, era de transformar a cidade num verdadeiro parque urbano.

A praça colonial, outrora usada como mercado, área de manifestações de cunho militar e político e área de recreação, perde algumas funções, entretanto, recebe outras no lugar. São minimizados os usos comerciais e militares, passando a ser local destinado a contemplação da natureza e ao descanso.

Conforme nos afirma Robba & Macedo (2003), o surgimento da praça ajardinada é um marco na história dos espaços livres urbanos brasileiros, pois altera a função da praça na cidade. O mercado foi transferido para edificações destinadas a atividades comerciais; as demonstrações militares de poder perdem força no Brasil Republicano. A praça agora é um belo cenário ajardinado destinado às atividades de recreação e voltado para o lazer contemplativo, a convivência da população e o passeio.

Foi a partir da década de 1940, sob forte influência dos arquitetos Roberto Burle Marx, Thomas Church e Garret Eckbo, que começaram a se fazer os

primeiros sinais de mudança nos traçados dos espaços públicos urbanos. As praças, objeto central desse estudo, passaram a ser atribuídas em suas funções, programas de lazer ativo – práticas de esportes e recreação infantil.

É lógico que essas alterações não ocorreram de modo imediato e em todas as localidades, entretanto, percebe-se forte influência desse novo “traçado” nas praças que foram concebidas após esse período.

No início dos anos de 1990, o Brasil passa a sofrer influência de arquitetos americanos, espanhóis franceses e japoneses. O volume do tráfego de veículos automotores, a crescente escalada da violência, a constante degradação do ecossistema urbano dentre outros fatores dessa natureza, passaram a fazer parte de muitas cidades brasileiras.

Essa nova realidade forçou a revisão de alguns conceitos relativos à função dos espaços públicos urbanos, permitindo assim, uma maior liberdade de traçado e de concepção, que varia conforme o local da sua implantação.

Regido sob essa influência, os espaços públicos voltaram a ser palco de atividades comerciais e de serviços, lembrando como nos afirma Robba & Macedo (2003), a tradição do largo colonial, usado como mercado ao ar livre, que as políticas sanitárias baniram nas praças ajardinadas.

O traçado desses espaços denominados de contemporâneos transita livremente entre os traçados geométricos, gráficos e rígidos até as mais irreverentes formas pós-modernas. Liberdade e irreverência são as palavras mais adequadas para definir essa linha de projeto, ainda não presente na maioria dos espaços públicos.

O final do século XX caracteriza-se pela extrema velocidade de comunicação e troca de informações, que abrangem todas as instâncias do cotidiano e superam as possibilidades de conhecimento até então experimentadas, onde essa comunicação voraz e veloz permeia o mundo urbano.

O reflexo dessas mudanças de comportamento também se fez nos projetos de praças e jardins, ou seja, nos espaços livres urbanos.

Os projetos das praças contemporâneas são típicos dos anos de 1990. em virtude do fato de que não é possível romper e negar a influência de linhas arquitetônicas anteriores, é comum encontrarmos linhas contemporâneas ainda difusas à outras linhas.

As praças contemporâneas são representadas em uma conjuntura urbana na qual aceita e se faz presentes muitas formas de expressão.

Da mesma forma que ocorre na praça moderna, a contemporânea é marcada pelo uso contemplativo, pela vivência e pelo lazer ativo.

As atividades comerciais quando fazem parte, são reflexos da herança deixada pelas praças coloniais.

A idéia nesse traçado é de fazer “frente” aos *shoppings centers*, ou seja, de tornar esses locais atrativos, principalmente por meio das chamadas *praças de alimentação*.

E justamente nesse contexto, que se enquadram muitas praças brasileiras, e inclusive assisenses se encontram, ou seja, viraram verdadeiras colchas de retalhos frente aos diferentes usos. Prostituição, privatização (quiosques despadrãozados), estacionamentos pagos, e outras formas de apropriação indevida destes espaços, vem justamente ao encontro e como um elementos incentivador a mais para contribuir para o processo de marginalização que muitas praças passam.

Não se é contra a realização de eventos, a existência de quiosques de alimentação, de artesanato, a realização de comícios dentre outras formas de uso e apropriação das praças, mas é de vital importância ressaltar que esse ato, deve ser feito de modo controlado, padronizado, afim de não causa danos ao patrimônio histórico-cultural, às edificações, à limpeza do local, enfim, essa padronização e controle é de suma relevância até mesmo para a manutenção “viva” deste espaço, evitando assim que estes o caiam no descaso e esquecimento e com isso, à perda dos verdadeiros usos e funções de uma praça!

3 ASSIS: DESENVOLVIMENTO E ECONOMIA

A “... marcha para o Oeste, é essencialmente paulista e continua a sê-lo, mesmo ao penetrar territórios de outros Estados, porque não somente o impulso é dado por São Paulo, como a maior parte dos homens provém desse Estado e as relações econômicas se fazem, sobretudo com São Paulo e Santos...” (MONBEIG, 1984:23).

Nesse contexto, em 1870, os planaltos e as florestas do Oeste de São Paulo e do Norte do Paraná constituíam um vasto sertão, região mal conhecida, habitada, sobretudo por índios, na qual se perdiam alguns sertanistas.

O movimento que levou os plantadores de café em direção aos planaltos ocidentais não foi brusco. Foi a simples seqüência de uma penetração que primeiramente na região montanhosa do Estado do Rio de Janeiro, expandia-se pelo chamado “Norte”, o Vale do Paraíba e tinha ganho a Região de Campinas. A Região de Campinas era então chamada de Oeste de São Paulo.

É a partir dos municípios da depressão periférica que saem os grandes plantadores de café em direção ao planalto paulista, seguindo as vias de penetração natural que diante deles se abriam.

Assim, os primeiros povoadores da região em estudo que abrange não só o município de Assis, mas uma vasta região que vai desde as barrancas do Rio Paranapanema e Paraná, são de origem mineira e datam da segunda metade do século XIX, mais precisamente por volta do ano de 1876.

O primeiro desbravador do Sertão do Paranapanema foi José Teodoro de Souza, que saiu de Pouso Alegre (Minas Gerais) com destino à Província de São Paulo penetrando em direção à Mogi Mirim e em seguida tomando rumo de Botucatu.

De Botucatu José Teodoro passou pelas vertentes do Rio Pardo, atravessou os campos que ficam do lado de Lençóis e São Domingos e chegou até o Ribeirão da Figueira, pouco além da foz do Rio Tibagi. Regressou a Botucatu e conseguiu registrar a sua posse, perante o vigário de Botucatu, assegurando seus direitos para recorrer ao processo de legitimação de suas terras.

Após conseguir a legitimação de sua posse, José Teodoro, fundou um povoado na margem esquerda do Rio Novo, que recebeu o nome de São José do

Rio Novo, posteriormente chamado de São José dos Campos Novos do Paranapanema, com a finalidade de atrair povoadores para o sertão do Paranapanema.

“O município pioneiro da área de estufo foi Conceição do Monte Alegre, fundado em 1876, embora tenha sido instalado oficialmente apenas em 1913” (GARMS, 1977:19).

Segundo Garms (1977), as primeiras informações censitárias à respeito do contingente populacional deste município, datam de 1900, que girava em torno de 1.703 habitantes.

O fluxo maior de ocupação pioneira deu-se de fins do século XIX até por volta dos anos 20 do século XX, e de forma lenta diante às atividades econômicas exercidas, às dificuldades de relações espaciais entre os mineiros colonizadores e os povos indígenas que viviam na região., onde este último atacava, matava e roubava, mas no final do processo, o branco colonizador terminava por expulsar os povos indígenas, as vezes até cometendo atrocidades e crueldades com os mesmos.

Garms (1977) salienta que a principal atividade econômica destes pioneiros vindos de Minas Gerais estava voltada para a criação de suínos e bovinos. Além disso, dedicavam-se a pequenas plantações de cereais, batata doce e inglesa, mandioca, cana-de-açúcar, algodão; fabricavam rapaduras, farinha grossa de milho, cobertores de algodão e lã, tecidos grosseiros, voltados para uma economia de subsistência. Junto a essas atividades, antes do findar do século XIX, abre-se um parênteses, uma pequena tentativa de plantio de café, em 1876.

O café juntamente com a ferrovia, foram a grande mola propulsora do processo de ocupação e povoamento desta região do Estado de São Paulo nos anos 20, onde os “frutos” decorrentes dessa atividade econômica se confundem a história e existência de muitas cidades, e é justamente neste período que percebe-se a introdução do café nesta porção do território paulista.

“A expansão da cafeicultura verifica-se no final da década de 20, prosseguindo na seguinte. Na safra 1934/35 a produção de café no espaço dominado por Conceição do Monte Alegre, somou 406.658 arrobas. Entretanto, a área mais nova a oeste, sob domínio de Presidente Prudente, produziu 1.246.324 arrobas” (GARMS,1977:22).

Junto ao café, surge uma nova cultura: o algodão. Esta cultura tem seu desenvolvimento marcado nesta região em meados dos anos 30, embora já se percebesse sua presença em anos anteriores plantados pelos próprios mineiros em anos anteriores, mas sem grande expressão financeira.

Apoiando-se nas informações de Garms (1977), constatamos que Paralelamente ao aumento da produção agrícola, percebe-se também um aumento da população. A população total dos municípios compreendidos pela Alta Sorocabana salta para 27.682 habitantes, sendo 8.176 ao espaço dominado por Conceição do Monte Alegre e de 195.903 habitantes ao de Presidente Prudente.

Portanto, podemos fazer algumas observações importantes sobre os dados anteriormente apresentados. Pode-se perceber que juntamente com a expansão da área pioneira, houve um aumento da produção total e população.

Logo, pode se afirmar que além de representar uma maior produção de gêneros agrícolas, o aumento da zona pioneira, representou um importante chamariz de imigrantes, tanto nacionais quanto estrangeiros, uma vez que pode se notar até os dias atuais, grandes e importantes colônias de imigrantes europeus na região. Dentre os principais grupos étnicos que vieram para essa “nova região”, podemos destacar os imigrantes espanhóis, italianos, japoneses, libaneses, portugueses dentre outros com a mesma importância histórica e econômica na formação desse novo território.

A notícia que a posse de José Teodoro tinha solo muito fértil provocou as primeiras aquisições de terras. Uns dos primeiros adquirentes de terras da região foram Francisco de Assis Nogueira e José Machado de Lima, que adquiriram a margem direita e esquerda do rio Pari, que passou a constituir a chamada Fazenda Taquaral.

Em 1º de Julho de 1905 o Capitão Francisco de Assis Nogueira efetivou a doação de 80 alqueires de terras de lavrado à igreja, para patrimônio de uma Capela, sob a tríplice evocação do Sagrado Coração de Jesus, de São Francisco de Assis e da Obra - Pio do Pão de Santo Antônio (Fundação de Assis).

Em torno da Capela, foram surgindo as primeiras casas do povoado, que pertenciam à jurisdição do município de Campos Novos do Paranapanema (atual Campos Novos Paulista).

A região era habitada por três tribos indígenas - os Coroados, nas vertentes do Rio do Peixe, os Caiuás (Guaranis), nas vertentes do Rio Paranapanema e os Chavantes ou Otis, na parte central.

O desenvolvimento do povoado foi devido exclusivamente, ao avanço dos trilhos da Estrada de Ferro Sorocabana, que chegaram ao povoado de Assis em 1914. Em 1915, pela Lei Estadual nº 1.496, de 30 de dezembro de 1915, o povoado foi elevado a Distrito de Paz. Dois anos depois, foi criado o Município de Assis pela Lei Estadual nº 1.581 de 20 de dezembro de 1917

A ferrovia foi deveras importante para o desenvolvimento de nossa cidade, pois transportava além de passageiros para capital do Estado, os vagões faziam o escoamento de parte da produção agrícola, além de tornar Assis, pólo de convergência para a colonização do Norte do estado do Paraná, isso sem falar na renovação da gama de empreendimentos que esse novo modal de transporte causou, isso porque até então, Assis tinha suas necessidades vinculadas exclusivamente às da vida rural.

Nos períodos de 40 a 70, foram construídas importantes rodovias que ligavam Assis a Capital, outras cidades do interior e a outros estados, sendo que dá-se um destaque a Rodovia Raposo Tavares - SP - 270 a mais importante inaugurada na década de 50 - devido a drástica mudança no panorama de transportes da região.

No que tange as questões ambientais, “a face botânica do Sudoeste Paulista apresenta apenas vestígios da antiga vegetação. No vales, aparecem alguns capões residuais” (LEITE, 1972:29).

Leite (1972) nos diz que “nas áreas cujas matas foram derrubadas e queimadas, em que as terras não foram aproveitadas para a agricultura ou pecuária, cresce vegetação arbustiva pobre, sendo raros os trechos em que há seu revigoramento”.

Quanto à vegetação natural, Vaz & Klein (s/d) ressalta que apenas 0,5% da mata nativa estão preservadas, considerando toda a vegetação do Médio Vale do Paranapanema.

O processo de desmatamento no Médio Vale do Paranapanema é pouco conhecido. Presume-se que a maioria da madeira foi queimada “*in situ*” nos grandes incêndios no final do inverno paulista. O comércio madeireiro teve início na década

de 1920, motivado pelas estradas de ferro e pelos equipamentos especializados para o manejo de toras (MONBEIG, 1984).

Assim, o povoado fundado por Capitão Assis, que teve seu desenvolvimento inicial ligado à chegada dos trilhos da Estrada de Ferro Sorocabana, continuou nas décadas seguintes e seu desenvolvimento, ficando conhecido como um ponto de referência regional do Vale do Paranapanema.

E nesse contexto, Assis encontra-se situada a cerca de 465 Km da capital do Estado, com uma área de aproximadamente 758 Km², com clima subtropical úmido ou tropical de altitude. Com temperaturas médias anuais oscilantes entre 17º e 29º C e solos férteis (FUNDAÇÃO ASSISISENSE DE CULTURA, 1998:1).

O município de Assis não é caracterizado pela existência de cursos d'água de grande volume, onde se destacam o Ribeirão do Cervo (principal manancial da cidade), o Rio Capivara, o Ribeirão do Jacu, da Fortuna.

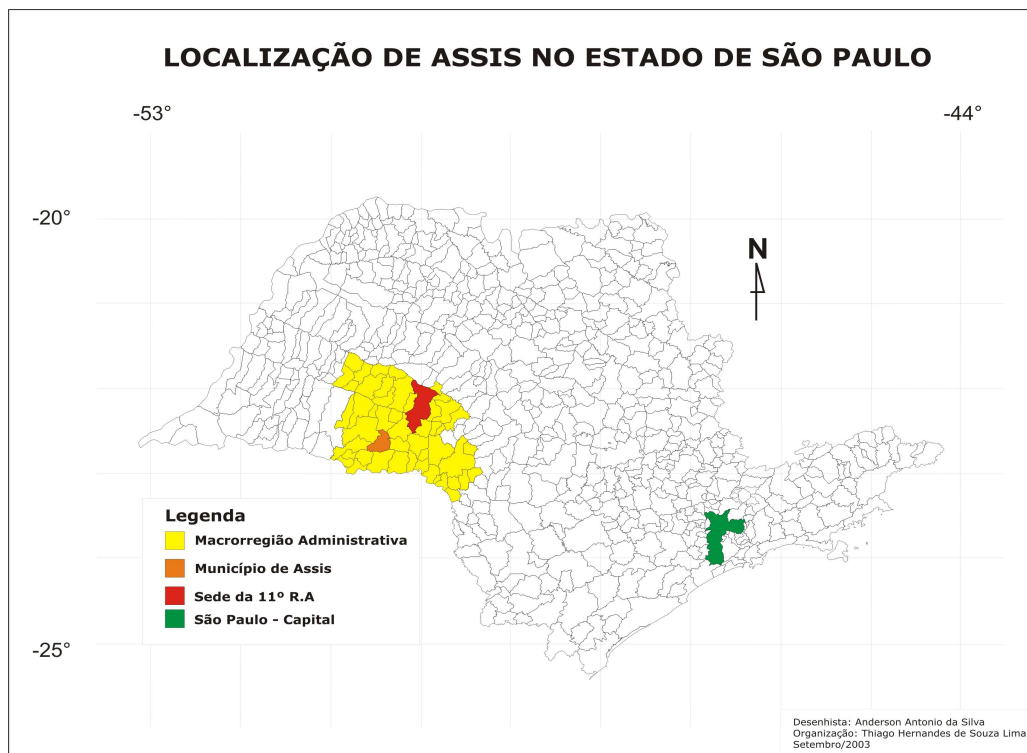
Assim sendo, Assis se destaca como pólo de desenvolvimento sub regional, pertencendo a Macro Região Administrativa de Marília.

Hoje, Assis conta com uma variada gama de empreendimentos dos mais variados segmentos, indo desde o setor primário, onde se destaca a forte produção de soja, cana-de-açúcar e milho, além de outras culturas de menor expressão, porém com grande importância regional, passando pelo setor secundário da economia com empresas e indústria de pequeno e médio porte de valiosa importância local e regional, uma vez que são importantes geradoras de empregos e divisas para o município através dos tributos.

Mas é no setor terciário que Assis exerce maior destaque, uma vez que a cidade possui filiais de importantes lojas de departamentos e eletrodomésticos, além de empresas regionais e locais, que além de serem grandes geradoras de empregos e divisas, são fortes atrativos para os moradores de cidades vizinhas e mesmo de algumas do Paraná que se dirigem para Assis para realizarem as suas compras.

Tudo isso sem falar no setor educacional, uma que Assis conta com quatro instituições de ensino superior (Unip, Unesp, Fema e Ieda), com colégios técnicos e com escolas particulares tanto de ensino Médio e Fundamental dos mais diversos sistemas de ensino, além de inúmeras escolas públicas de Ensino Fundamental e Médio que também atraem muitos alunos de cidades vizinhas, que buscam Assis diariamente para concluir ou expandir seus estudos.

Mapa 1: localização do município de Assis no Estado de São Paulo



3.1 DESENVOLVIMENTO DO NÚCLEO URBANO

A elaboração deste sub-capítulo foi feita usando como principal referencial teórico a tese de doutorado de Siloto(1996), desenvolvida na Unesp Campus de Assis.

Como algo típico do processo de colonização e formação dos núcleos urbanos no “Sertão Paulista” – Vale do Paranapanema – a estradas e picadas constituíram-se nos elementos indutores e organizadores dos assentamentos. Face a essa afirmação, constatamos que desde o século XIX, a região hoje abrangida pelo município de Assis, encontrava-se cortada por alguns caminhos, ao longo dos quais surgiram pousadas para grileiros e tropeiros, que dentre outros transportavam animais e mercadorias, além de trazerem e levarem notícias.

A primeira célula da cidade de Assis surgiu na cabaceira do Córrego do Jacu, que possuía percurso sinuoso, e era justamente nessas curvas sinuosas que surgiram os primeiros casebres de taipa, de madeira, cobertos de sapé e mal distribuídos pelo espaço, completavam o quadro rústico nos primeiros momentos da história de Assis.

Hoje, o Córrego do Jacú, contempla toda a área central da cidade, além de já ter sido canalizado e retelinizado.

Da pousada do Córrego do Jacu, derivavam-se três caminhos: um ao sul que a ligava ao Córrego do Macuco (atual município de Cândido Mota), uma ao norte que levava a Serra do Mirante (atual município de Echaporã) e a oeste, o mais importante pela intensidade na utilização, um caminho que levava à nascente do Córrego da Fortuna (atual município de Tarumã).

É sabido que a existência da pousada na proximidade do Córrego do Jacú e dos caminhos que ela convergia, influenciou na localização da cidade de Assis.

A expectativa da chegada dos trilhos ferroviários, as oportunidades que esse sistema de transporte e comunicação geravam e a vinda dos trabalhadores envolvidos em tal empreita, fizeram do ano de 1913 um marco no desenvolvimento urbano de Assis, pois a cidade passava a perder seu caráter essencialmente rural e algumas benfeitorias típicas do cenário urbano, passaram a figurar no cotidiano assisense, tais como: a primeira farmácia, o primeiro médico, os primeiros professores.

E foi nesse contexto que os anos subseqüentes foram marcados pelo crescimento populacional e de serviços, fatores esses que contribuíram para que em 1917 a cidade de Assis, fosse elevada a categoria de sede de município.

É importante ressaltar que com o desenrolar dos acontecimentos e com o passar do tempo, houve alterações na formação territorial do município de Assis, onde algumas áreas foram desmembradas para a formação de outras sedes municipais.

E foi assim que a passagem da linha férrea fez surgir um novo elemento arquitetônico que alterou a paisagem urbana. Eles foram implantados a oeste do núcleo urbano, de forma sinuosa e com isso, ruas e novas “picadas” foram abertas. Junto com a chegada da estrada de ferro no município, várias edificações foram feitas, tanto pela iniciativa privada como pela própria companhia estatal, que dentre outras, podemos destacar a construção da estação, de casas para funcionários, da oficina dentre outras.

É nesse contexto que a malha urbana se expande. Fator merecedor de destaque é quanto ao traçado – predominantemente em xadrez, influencia direta dos modelos ibéricos.

Vale ressaltar aqui que a única edificação original remanescente deste período, é a chamada “Casa de Taipa” que até recentemente era utilizada como moradia, mas que a municipalidade local a reincorporou como patrimônio público e esta foi transformada em museu.

Na década de 1930, Assis recebe seu primeiro prédio de “ginásio”, a primeira sala de cinema, demonstrando assim, um dinamismo urbano crescente.

Já na década de 1950, a cidade começa a atravessar a ferrovia, e empreendimentos como o “Mercado Municipal” e a “Estação Rodoviária”, fomentou o processo de ocupação deste “novo espaço urbano”.

Não podemos deixar de considerar que essa expansão urbana, nem sempre era dotada de uma infra-estrutura, uma vez que até a década de 1960, não era responsabilidade do loteador a implantação da infra-estrutura básica.

Foi de vital importância para o desenvolvimento da cidade, a instalação de sedes regionais de instituições públicas, privadas e religiosas. A passagem das picadas e dos tropeiros, à ferrovia e ao telégrafo e posteriormente, à rodovia e à telefonia, estabeleceram, ao longo desses anos, as condições estruturais para a efetivação econômica e do potencial apresentado pelo clima, relevo e solo local.

Sobre a economia local, merece destaque como as primeiras atividades, a extração madeireira, o cultivo do café, do algodão, laticínio, cerâmicas, empresas comerciais de roupas, gêneros alimentícios, concessionárias de automóveis além de pequenas fábricas que se localizavam no espaço urbano, e assim, a identidade da cidade ia sendo formada, e o conceito de comunidade ia se firmando e a cidade começara a construir a sua história.

Queremos aqui ressaltar que no projeto original do bispado, apenas três praças existiam: a Arlindo Luz, a São Paulo (não existe mais) e a Dom Pedro II. Merecedor de destaque é a perda da área original da praça Dom Pedro II de quatro para dois quarteirões, onde um foi cedido para abrigar a cadeia pública e outro para abrigar o atual teatro municipal.

Foi somente no ano de 1970 que as leis de parcelamento urbano se tornaram mais eficazes e passaram a se preocupar com aspectos ambientais, como a destinação de áreas verdes, para a construção de praças e outros espaços públicos.

Sobre a elaboração do traçado urbano, pouco foi considerado sobre as particularidades de relevo, de solo e de hidrologia. Com isso, as primeiras ravinas

urbanas já se fizeram presentes no ano de 1920. E essa situação não parou. Foi constantemente evoluindo e se expandindo territorialmente pelo espaço urbano assisense nas décadas subseqüentes. Nas décadas de 1980 e 1990, com o avanço das áreas urbanizadas, novas ravinas e boçorocas surgiram, atingindo todas as oito nascentes do perímetro urbano municipal, requerendo assim, novos investimentos do poder público para sanar esses males.

Para conter esse processo, foram desenvolvidas diversas obras de melhorias urbanas, como a canalização de cursos d'água.

Foi neste contexto que se deu o desenvolvimento urbano do município de Assis, sempre pautado em um modelo econômico agrícola, com uma industrialização relacionada à agroindústria e se caracterizando um importante centro sub-regional do Oeste Paulista, onde conforme exposto anteriormente, milhares de pessoas a têm como referência no setor educacional, médico, comercial dentre outros.

4 AS PRAÇAS DE ASSIS: UMA ANÁLISE QUALI-QUANTITATIVA.

No presente trabalho, busca-se a compreensão das praças assisenses não somente como estrutura física, mas também enquanto espaço destinado e ocupado pelo homem para usos e funções das mais diversas. A área física de estudo compreende as praças assisenses situadas em distintos bairros da cidade.

Na tocante análise quantitativa, estaremos avaliando 23 itens que conforme a metodologia proposta por De Angelis (2000) são os mais encontrados nas praças e que se contextualizam como elementos importantíssimos no exercício dos usos e funções das praças, conforme exposto na revisão bibliográfica.

Se fossemos considerar número de praças (vide tabela 1) em relação ao número de habitantes, Assis figuraria como uma das melhores cidades nesta área, passando inclusive Maringá.

Contudo, mesmo sendo detentora de um elevado número de praças e estando em uma posição confortável neste quesito, a cidade de Assis enfrenta uma realidade completamente distinta quando analisamos o estado de conservação das estruturas e mobiliários encontrados, e vamos mais além, muita das “praças” assisenses são nada mais que meros espaços abertos coberto por grama e sem nenhum tipo de estrutura ou atrativo, o que a coloca mais como o aspecto de terreno baldio do que propriamente como praça.

Não queremos aqui ser pessimistas e dizer que todas as praças da cidade de Assis se encontram em péssimo estado de conservação, mas podemos afirmar com toda a convicção que as praças mais distantes das áreas centrais e/ou nobres, são que possuem maiores problemas, salvo alguns casos isolados.

A escolha das 19 praças analisadas (vide tabela 2) foi feita após considerarmos as praças mais “importantes” da cidade de Assis, seja essa importância dada em razão de sua localização, relação com o bairro ou pelas estruturas oferecidas,

Tabela 1: Relação com o nome de todas as praças existentes no município de Assis.

1	Werner Jasche
2	Dr. José Claudovino Dantas
3	Paschoal Santilli
4	Comendador José Giorgi
5	Ver. Benedito E. de Oliveira
6	São José Operário
7	São Benedito
8	D. Leonor Mendes de Barros
9	Segismundo Guazelli
10	Pe. M.C. Pereira
11	Dr. Horácio L. de Andrade
12	D. Pedro II
13	Mocidade
14	Lions Clube
15	Antônio de Almeida Filho
16	Dr. Symphronio Alves dos Santos
17	Almiro Binato
18	1º de Maio
19	Coqueiros
20	Antônio Fitipaldi
21	D. José Martiniano
22	Barra Funda
23	Antônio Silva
24	Durvalino Roseiro Coutinho
25	José Burali
26	Do Italiano Antônio Ambruosi
27	Vitor de Oliveira Faria
28	Tereza Mathias dos Santos
29	Irmã Maria de Jesus Chaves
30	Orestes Longhini
31	Ferrovários
32	Maçom
33	Sargento Anacleto Benevenuto
34	Arlindo Luz
35	Miguel Funari

36	Luiz Funari
37	Odair Depes
38	Ângelo Alves de Souza
39	José Coelho Barbora
40	João Batista Silva
41	Nicolau Carpentieri
42	Luiz Targinato
43	Pedro D'Ácácia Netto
44	José Josino de Andrade
45	Ranchinho
46	Posto Polícia Florestal
47	Av. Paschoal Santilli
48	Pedro Caetano de Almeida
49	Milton Gonçalves Duarte
50	Luiz Gonçalves
51	João Haddad
52	Antônio Salotti
53	Antônio Bermejo
54	Elyseu Salotti
55	Dr. Gilberto de Almeida
56	São Paulo
57	José Castella
58	Chafariz
59	Prefeitura
60	Ernesto Nóbile

Tabela 2: relação com o nome das 19 praças selecionadas

Nº	RELAÇÃO DAS PRAÇAS ANALISADAS	Nome popular	Ponto de Referência
1	Dr. José Claudovino Dantas	Pça da Dom Antônio	Av. Dom Antônio
2	Segismundo Guazelli	Pça do Batalhão	VI. Adileta
3	Dom Pedro II	Pça da Catedral	Av. Rui Barbosa
4	Ver. Benedito E. de Oliveira	Pça da CECAP	Av. Félix de Castro
5	Nicolau Carpentieri	Pça da Concha Acústica	VI. Xavier
6	Arlindo Luz	Pça em frente a Fepasa	Av. Rui Barbosa
7	Maçom	Pça em frente à Malta	Av. Otto Ribeiro
8	Mocidade	Pça da Mocidade	Em frente a Prefeitura
9	Prefeitura	Pça da Prefeitura	Av. Rui Barbosa
10	Symphronio Alves dos Santos	Pça do Hosp. Regional	Hosp. Regional
11	São Benedito	Pça São Benedito	Vila Operária
12	D ^a . Leonor Mendes de Barros	Pça da Sorocabana	Colégio Ipê
13	Paschoal Santilli	Pça da Sta Cecília	VI Sta Cecília
14	Ernesto Nóbile	Pça do Conj Hab Perto da UNIP	Prox à UNIP
15	São José Operário	Pça da Igreja da VI. Operária	Igreja da VI. Operária
16	D. José Maritano	Pça da Igreja da VI. Xavier	Igreja da VI. Xavier
17	Antônio Silva	Pça da Bandeira	Final da Av. Marechal Deodoro
18	1º de Maio	Praça da Prudenciana	VI. Prudenciana
19	Werner Jaschke	Pça do BNH/Jd. Paraná	BNH/Jd. Paraná

É importante frisar aqui, que das 19 praças levantadas, em muitos casos, não foi possível encontrar na Câmara de Vereadores do Município de Assis, as respectivas Leis de Nomeação. Assim sendo, só foi possível realizar esse trabalho de modo em

estar contemplando todas as praças, apoiando-se no catálogo municipal de áreas verdes que se encontra nos anexos.

As dificuldades começaram já na hora de coletar os documentos comprobatórios (leis de nomeação) das praças a serem analisadas. Contudo, após algumas idas e vindas à órgãos como a Prefeitura e Câmara dos Vereadores, além de pesquisas em arquivos, conseguimos o material desejado.

Entretanto, por razões que fogem a minha competência, não consegui todos os documentos comprobatórios das leis de criação e nomeação das praças, mesmo assim, realizei os levantamentos de campo sem maiores perdas frente aos resultados.

Ao entrar em contato direto com o objeto deste trabalho, não imaginávamos encontrar um ambiente tão degradado. Sabíamos que não iríamos encontrar nenhuma versão do “Éden”, contudo, não esperávamos tanto descaso e mau trato por parte da população e do poder público local.

As pesquisas de campo duraram cerca de trinta dias para serem concluídas, e foram efetuadas no período de 25 de janeiro até 25 de fevereiro, pois além das observações realizadas na planilha de coleta de dados (vide metodologia), julgamos necessário passar parte do dia em diferentes horários nas praças para obter maior segurança nas observações que foram tecidas no decorrer deste trabalho.

Muitas são as praças que se caracterizam como verdadeiros locais de encontro nos bairros a que pertencem, mesmo estas não sendo contempladas pelos equipamentos minimamente exigidos para tal espaço.

Um dos maiores problemas observados nas praças foi justamente à falta de manutenção do espaço e conservação dos equipamentos existentes no local.

Gramma alta, galhos caídos, falta de cestos para deposição de lixo, iluminação insuficiente, falta de segurança em algumas praças, caminhos mal conservados, apropriação por comércio e carros dos espaços destinados às pessoas dentre outros fatores, são os que mais contribuem de forma negativa ao completo exercício das funções atribuídas às praças da Cidade de Assis.

As informações apresentadas no parágrafo anterior serão discutidas e analisadas mais profundamente no decorrer do trabalho.

Vele lembrar que os dados apresentados nos gráficos e planilhas a seguir juntamente com as observações e análises que seguirão, é fruto das observações realizadas durante o trabalho de campo. A realidade atual pode ser diferente em decorrência de intervenções realizadas pelo poder público nos locais analisados.

No que tange a arborização, as praças de Assis não apresentam uma situação muito confortável. A maioria desses logradouros apresentam número insuficiente de árvores, o que em uma análise superficial nos permite concluir que isso também contribui para que muitas sejam pouco freqüentadas durante os horários de maior temperatura, o que deveria acontecer justamente o oposto, pois nesses horários, as pessoas precisavam ter uma opção para se “refugiar” do calor das tardes de verão.

A falta de uma política de reposição de árvores também é um agravante percebido, pois a maioria dos exemplares arbóreos encontrados, já se encontram em idade avançada, e muitas, “tomadas” por cupins ou outras “doenças”, que acabam comprometendo a vida útil destas árvores além de colocar em risco os transeuntes do local, pois galhos velhos podem cair sobre as pessoas, causando danos à saúde e prejuízos financeiros à municipalidade local por meio de processos de indenização, pois o poder público não “cuidou” de algo que faz parte de suas responsabilidades.

A falta de opções de lazer e entretenimento também é outro agravante, pois muitas das praças analisadas são verdadeiros “gramados” com algumas poucas árvores e alguns bancos mal conservados, fazendo com que seja pouco atraente a freqüência dos moradores das comunidades em que se encontram.

Em algumas conversas informais com freqüentadores de várias praças de Assis, poucos alegaram problemas com a segurança no período diurno, contudo, no período noturno, muitos alegaram que é impossível permanecer em algumas praças da cidade de Assis em virtude da falta de segurança. Muitos apontaram como solução para esse problema, a instalação de bases comunitárias da polícia.

Lixo, grama alta, caminhos mal conservados, falta de equipamentos, iluminação insuficiente, falta de identificação, apropriação indevida por meio de ambulantes dentre outros males, são alguns dos problemas percebidos nas praças de Assis, contudo, essas e outras deficiências serão analisadas posteriormente, quando estaremos analisando todos os itens apresentados nos gráficos que seguem.

No item 5.1, estaremos apresentando o resultado da análise quantitativa dos itens analisados durante o trabalho de campo, e no 5.2, o resultado da avaliação qualitativa dos itens detectados nas praças catalogadas.

Não estaremos nesse momento apresentando as discussões dos mesmos, porque esta etapa será contemplada no texto final no momento da defesa.

Nos anexos, estamos apresentando uma demonstração da análise de apenas uma praça, onde no ato da entrega do texto final, será contemplada as demais praças dentro do mesmo procedimento.

Sobre o uso e apropriação destes espaços, podemos destacar que muitas praças, conforme afirmado anteriormente, viraram verdadeiras colchas de retalho, pois é possível hoje, em uma breve caminhada pelas praças da cidade, encontrarmos as mais diferentes formas de uso e ocupação.

Dentre essas, podemos destacar: ocupação indevida por quiosques de alimentação e bancas de jornais e revistas completamente fora do contexto em que se inserem, algumas praças viraram ou tiveram parte de seus domínios transformados em estacionamentos de carros e motocicletas. Tem sido comumente presenciado, principalmente nas praças centrais ou de maior fluxo populacional, a realização de feiras de artesanatos, onde são feitas de modo “desorganizado” no que tange a apropriação do espaço público, acaba também por descaracterizar as praças em que as servem como *locus* de comércio, ou seja, é privatização das praças! E o que é pior, a privatização com prejuízos para a comunidade.

Não estamos propondo em hipótese alguma, um modelo de praça livre de manifestações culturais, de quiosques de alimentação ou bancas de jornais ou qualquer outra forma de apropriação, até porque essa diversidade nas formas de usos e funções das praças, são de vital importância para a sobrevivência das mesmas.

O que queremos expor nessa afirmação, é que as praças para que sejam corretamente ocupadas por seus “usuários”, é vital que se tenha um programa de padronização e adaptação das estruturas comerciais afim de não prejudicar a harmonia paisagística e assim, prorrogar a “vida útil” das praças.

No caso das praças assisenses, encontramos muitos casos com os exemplos anteriormente explanados. E cenários dos mais diferentes também. Praças com usos

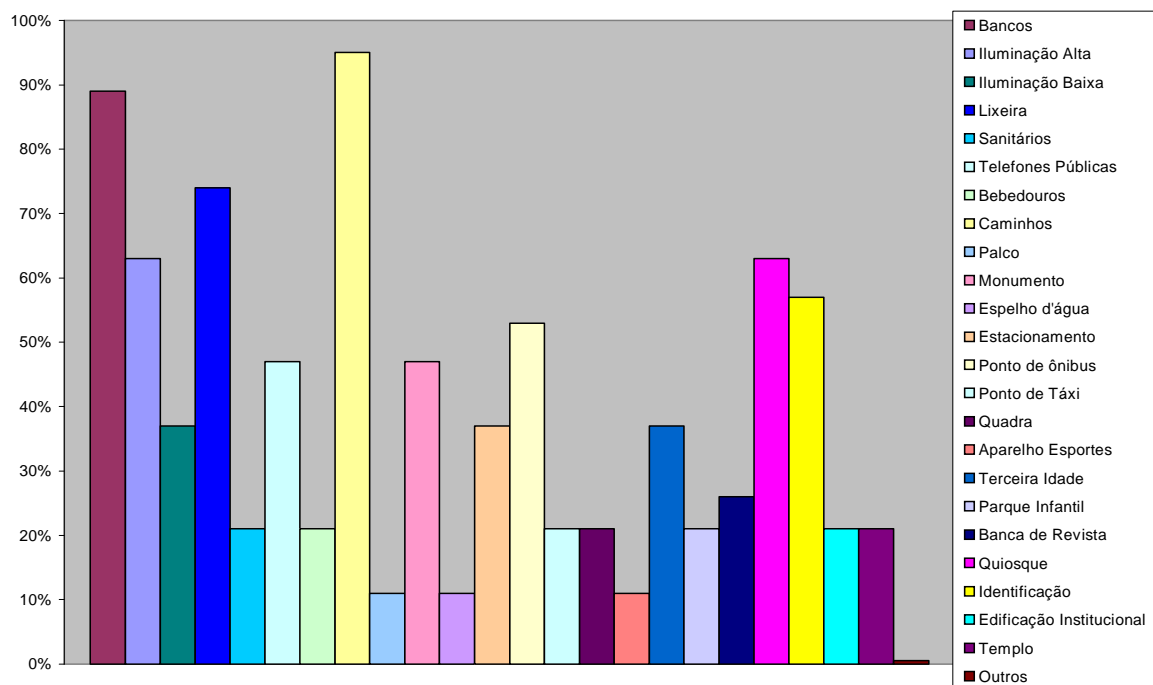
extremamente desordenados e também exemplos de usos dentro de padrões de equilíbrio e sustentabilidade para esses locais.

Algumas propostas de melhorias bem como exemplos individuais das observações acima citadas, serão discutidas mais profundamente quando realizarmos análises em cada praça da nossa cidade sobre toda a infra-estrutura encontrada nelas (análise quali-quantitativa), e no capítulo de apresentação e discussões dos resultados finais.

4.1. ANÁLISE QUANTITATIVA DOS EQUIPAMENTOS

Os valores aqui apresentados são referentes ao percentual de estruturas encontradas em relação ao total das praças analisadas.

Gráfico 1: análise quantitativa em valores percentuais dos equipamentos encontrados nas praças selecionadas



A primeira coisa a ser observado é que se fôssemos fazer um estudo mais aprofundado das 60 praças da cidade de Assis, certamente não encontraríamos a mesma situação que encontramos no levantamento realizado nas 19 praças selecionadas.

Afirmamos isso em virtude do levantamento prévio que realizamos em todas as praças de Assis para poder nos embasarmos com mais segurança no momento em que estaremos tecendo comentários finais e sugestões de melhorias para o setor de praças no município em questão.

Não obstante do que já se era esperado e com raríssimas exceções, praticamente todas as 59 praças da cidade de Assis não são dotadas das estruturas consideradas básicas para que uma praça seja considerada de boa qualidade.

Não estamos querendo aqui afirmar que existe uma regra padrão, um modelo de praça “modelo” e que todas as demais devam seguir “à risca” este modelo. Contudo, alguns itens, independente da função que a praça venha a exercer – passagem, permanência, lazer, referência, dentre outros – são de vital importância.

Como exposto na metodologia deste trabalho, a escolha dos 23 itens avaliados neste tópico, foram retirados do trabalho de De Angelis (2000), após uma constatação dos elementos mais comuns às praças. Porém, nem todos elementos apresentados, ou melhor, considerados como categoria de análise são vitais para que um praça seja considerada de boa qualidade ou não.

O que vai estar “dizendo” o que é necessário ou não é a forma de como essa praça é “consumida” pela comunidade a qual faz parte, como ela está inserida no contexto do bairro, qual o perfil sócio-econômico-cultural de seus usuários dentre outras características.

É nesse contexto que encontramos uma cidade cheia de praças, porém mal conservadas e não dotadas de elementos que contribuiriam para que fossem mais bem aproveitadas.

Assim, os principais itens que encontramos nas 19 praças selecionadas da cidade de Assis são:

- bancos, caminhos, iluminação em cerca de 90% das praças;
- lixeiras em cerca de 70% das praças;

- quiosque de alimentação em aproximadamente de 60% das praças;
- ponto de ônibus e identificação em aproximadamente de 50% das praças;
- telefone público e monumento em cerca de 40% das praças;
- estacionamento e banca de revista em aproximadamente de 30% das praças;
- sanitários, bebedouros, ponto de táxi, quadra de esportes, parque infantil, banca de revista, edificação institucional e templo religioso em cerca de 20% das praças;
- palco, espelho d'água e aparelhos esportivos em menos de 10% das praças.

Deste modo, após esta apresentação, pôde-se facilmente perceber a deficiência de algumas estruturas e elementos básicos na maioria das praças assisenses analisadas.

Dentre os elementos mais presentes, constatamos bancos, iluminação, lixeiras e quiosque de alimentação, ou seja, elementos básicos, ou até mesmo “obrigatórios” em uma praça.

Em virtude desta está a falta de atrativos, podemos até tecer ligações entre atos de vandalismos, abandono por parte da população, usos menos nobres e outros. Contudo, é no capítulo 6 que estaremos realizando um estudo mais profundo dos resultados encontrados.

É importante ressaltar que o fato “encontrar estruturas”, não implica no fato destas estruturas se encontrarem em bom estado de conservação. É justamente este item – conservação – que estaremos estudando no sub-capítulo posterior.

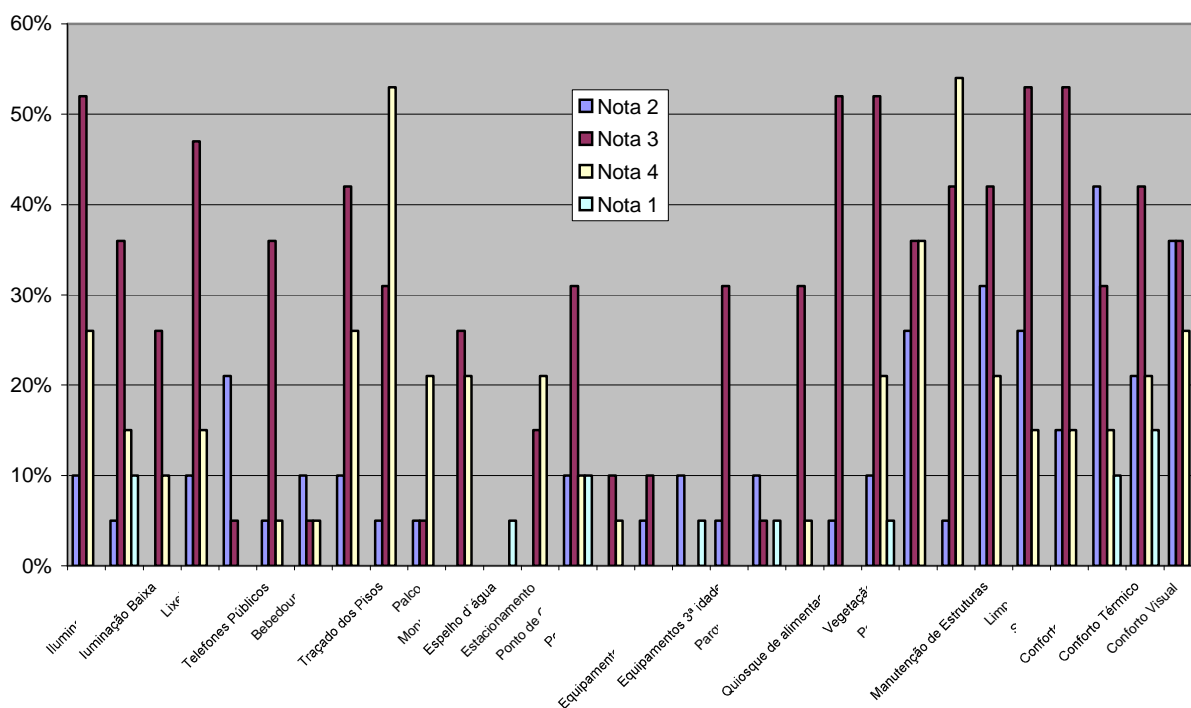
4.2. Análise qualitativa dos equipamentos

Os valores aqui apresentados são referentes ao percentual de estruturas encontradas em relação ao total das praças analisadas.

Tabela 3: análise qualitativa das médias dos equipamentos encontrados nas praças selecionadas

Item	Média
Bancos	3,5
Iluminação Alta	3,0
Iluminação Baixa	3,0
Lixeira	3,0
Sanitários	2,0
Telefones Públicos	3,0
Bebedouros	2,0
Piso	3,0
Traçado dos Pisos	4,0
Palco	4,0
Monumentos	3,5
Espelho d' água	1,0
Estacionamento	3,0
Ponto de Ônibus	3,5
Ponto de Táxi	3,0
Quadra esportiva	3,0
Equipamentos de exercícios	2,0
Equipamentos 3ª idade	3,5
Parque Infantil	2,5
Banca de Revista	3,5
Quiosque de alimentação	3,5
Vegetação	3,0
Paisagismo	2,5
Localização	4,0
Manutenção de Estruturas	3,0
Limpeza	2,5
Segurança	2,5
Conforto Acústico	2,5
Conforto Térmico	3,0
Conforto Visual	2,5

Gráfico 2: análise qualitativa em valores percentuais dos equipamentos encontrados nas praças selecionadas



Na questão “conservação”, o que se observa é que as médias encontradas estão abaixo do que seria considerado pelo menos essencial. Na Tabela 2, demonstramos que a média atingida por cada praça em relação aos itens avaliados, ou seja, poucos foram os itens que atingiram a média 4. No Gráfico 2, para uma melhor visualização, exploramos a quantidade que cada nota, de 1 a 4, obteve nos itens propostos, para que assim possamos avaliar a porcentagem das praças que alcançaram determinada pontuação.

4.3 Caracterização das praças

PRAÇA DR. JOSÉ CLAUDOVINO DANTAS (DOM ANTÔNIO)



Fotos 1 e 2: Vista parcial da Praça José Claudovino Dantas. Autor: Thiago Hernandes de Souza Lima 02/2005

A praça Dr. José Claudovino Dantas, está situada dentro dos limites das ruas Martim Afonso, Hermes Rodrigues da Fonseca e Av. Dom Antônio.

Apoiando-se na metodologia do trabalho e nos resultados alcançados, podemos dizer que esta praça exerce parcialmente as funções que caberiam.

Entre as principais estruturas existentes, podemos destacar: ponto de ônibus, banca de revistas e jornais, quiosque de alimentação, telefone público, bancos, cestos de lixo, sendo um deles, específico para a coleta de material reciclável.

No que tange à sua conservação, algumas observações merecem ser feitas: no dia da coleta de dados e informações, a grama estava alta, alguns trechos do caminho estavam mal conservados, o que poderia colocar em risco a vida de pedestres, principalmente os de mais idade, havia muitas embalagens (plástico, canudinhos, papel), jogados no ambiente, principalmente nas proximidades do quiosque de alimentação, o banheiro do local estava mal cheiroso, além de algumas árvores apresentarem galhos “secos”, o que poderia colocar em perigo, carros e pessoas que estiverem embaixo destas árvores.

A respeito das formas de uso dessa praça, podemos afirmar que apresenta usos distintos nas diferentes horas do dia.

Pela manhã, ela é um local de passagem e ponto onde crianças brincam de “carrinho”, andam de bicicleta e pessoas de diferentes idades e origens a utilizam para embarcar ou desembarcar de ônibus.

No período da tarde, esta praça é “ocupada” basicamente por idosos do sexo masculino, onde estes passam boa parte do tempo jogando jogos de carta, principalmente “truco”.

Já o período noturno, a freqüência diminui e a faixa etária muda. Muitos a procuram para realizar refeições rápidas no quiosque de alimentação existente, outros para namorarem, para conversarem ou para outros usos diversos.

Algumas ações poderiam ser feitas para melhorar este ambiente tão rico e freqüentado. Dentre muitas, podemos destacar:

- Reparos no caminho;
- Podas periódicas na grama e nas árvores;
- Colocação de mais cestos de lixo;
- Realização de um trabalho paisagístico, visando o embelezamento do lugar;
- Substituição das árvores “velhas” e “doentes” por árvores novas e saudáveis, e mais adequadas ao meio urbano;
- Sugerimos também a cobrança de uma “taxa” aos que usam essa praça comercialmente, onde a quantia arrecada, seria utilizada na conservação do ambiente, assim, o poder público municipal, não teria seus cofres onerados com essa manutenção.

Praça Segismundo Guazelli (praça do Batalhão)



Fotos 3 e 4: Vista parcial da Praça Segismundo Guazelli. Autor: Thiago Hernandes de Souza Lima 02/2005

A praça Segismundo Guazelli se localiza na Travessa Brasil e possui localização nobre na cidade de Assis, pois além de estar muito próxima a área central da cidade, o bairro o qual se encontra é de elevado padrão econômico.

Com base na metodologia de trabalho, constatou-se que essa praça possui diferentes formas de uso e ocupação conforme o dia.

Entre as principais estruturas encontradas podemos destacar: bancos, quiosques de alimentação, lixeiras para coleta de materiais recicláveis.

À luz da conservação destas estruturas, podemos ressaltar que a mesma apresenta uma conservação boa, tanto das estruturas quanto da vegetação. Merece destaque aqui a forma das calçadas, que possui “lacunas” preenchidas de grama entre um bloco e outro de concreto. Na ótica ambiental, este fato é perfeito, pois aumenta a área permeável, contudo, este fato pode causar transtornos de deslocamentos em idosos, em portadores de necessidades especiais e crianças.

Sobre a vegetação, é importante frisar a falta de uma política de reposição das árvores mais velhas ou doentes. Sugeriríamos também a execução de um trabalho paisagístico para o local, uma vez que esta praça é dotada de uma área que permite a realização de belos trabalhos de jardinagem, além de uma arborização que contemple uma área maior para o sombreamento dos usuários durante os momentos de sol intenso.

No que tange as formas de uso, como citado anteriormente, em cada momento do dia esta praça destaca uma marca.

Pela manhã é ocupada por crianças que utilizam seu amplo espaço para brincar, andar de bicicleta, soltar “pipa” e outras atividades infantis.

Durante à tarde, em razão de sua arborização ser deficitária e por se localizar em um bairro residencial, ela acaba exercendo na maior parte do tempo, a função de local de passagem ou de ponto de referência.

Já no período da noite, esta praça novamente ganha vida, pois como a temperatura se torna mais agradável, e com a existência de quiosques de alimentação, a mesma incorpora a função de ponto de lazer, de encontro da família, de jovens e de demais “consumidores” deste espaço que a procuram com os mais diferentes objetivos.

Consideramos ainda a existência do Batalhão da Polícia Militar do Estado de São Paulo bem defronte à praça, fato este que proporciona uma maior segurança aos seus usuários.

Em um contexto geral, poderíamos classificar a praça Segismundo Guazelli como boa, contudo, algumas melhorias poderiam ser feitas para que fosse considerada uma ótima praça. Dentre estas, segue:

- Adequações na calçada;
- Realização de um melhor trabalho paisagístico;
- Colocação de mais cestos de lixo;
- Plantio de espécies arbóreas de grande porte para sombreamento e substituição das árvores doentes;
- Parcerias com o setor privado na realização destas melhorias em “troca” de incentivos fiscais ou pequenas placas publicitárias padronizadas a fim de não “poluir visualmente” o ambiente.

Praça Dom Pedro I (praça da Catedral)



Fotos 5 e 6: Vista parcial da Dom Pedro I. Autor: Thiago Hernandes de Souza Lima 02/2005

A praça Dom Pedro I configura-se como uma das mais importantes praças de Assis, pois além de sua localização ser no “coração” da cidade, é onde se localiza uma das principais edificações do município – a Catedral – sede diocesana e símbolo do poder da Igreja Católica.

De todas as 59 praças de Assis e das 19 analisadas, esta se configura como uma das mais completas, pois exerce a função de ponto de referência, local de passagem, local de permanência, enfim, esta praça se caracteriza por possuir diferentes formas de consumo de seu espaço, de seu mobiliário e estruturas.

No tocante, a estrutura desta praça apresenta uma ampla variedade, das quais podemos citar: bancos, iluminação, estacionamentos, arborização, quiosques de alimentação, bancas de revista, igreja católica, estacionamento, local para velório, coreto, bustos, estátuas, enfim, possui vários ícones que a colocam como uma das principais praças de Assis.

Sobre a conservação, em razão de sua localização e importância, pode-se afirmar que esta não apresenta grandes problemas. O que mereceria destaque é a

reforma que a praça passou recentemente, onde algumas das alterações realizadas em nossa análise crítica, não foram felizes, pois símbolos de uma época como o calçamento, o chafariz existe, e o traçado antigo, foram alterados, alteração esta que acredito que poderiam ser feitas, mas sem causar danos ao patrimônio cultural como foi feito.

Sobre as formas de uso e ocupação, conforme citado anteriormente, esta praça apresenta uma grande diversidade, pois vários a utilizam como local de permanência, como local de passagem, como “praça” de alimentação, como ponto de paquera e namoro, como opção de lazer para assistir a fanfarra que se apresenta após a missa de domingo à noite. Enfim, é uma praça completa e que oferece atrativos aos seus usuários.

Mesmo sendo uma praça “completa”, algumas adequações poderiam ser feitas com o objetivo de torná-la ainda mais agradável e interessante. Dentre estas, segue:

- Estrutura para terceira idade;
- Substituição das árvores velhas e que oferecem riscos aos frequentadores por árvores novas;
- Realização de um trabalho florístico-paisagístico onde seriam colocadas espécies arbóreas, arbustivas que florescem o ano todo em momentos diferentes, conforme a estação;
- Colocação de um número maior de lixeiras.

Praça Vereador Benedito E. de Oliveira (praça da Cecap)



Fotos 7 e 8: Vista parcial da praça Ver. Benedito E. de Oliveira. Autor: Thiago Hernandes de Souza Lima 02/2005

A praça Vereador Benedito E. de Oliveira, está localizada na avenida Felix de Castro, mais especificamente, no Conjunto Habitacional Cecap.

Pela razão de sua localização estar em uma comunidade cujos padrões econômicos não figuram entre os mais elevados da cidade de Assis, esta praça acaba por exercer papel de extrema importância como agente proporcionador de integração, entretenimento, enfim, opções de lazer para uma comunidade cujos padrões de consumo não estão entre os mais privilegiados.

Dentre os principais usos, podemos destacar a práticas de atividades esportivas, ponto de encontro entre jovens e crianças da comunidade, local de passagem além de ponto de referência do bairro.

Sobre as estruturas e mobiliários existentes no local, podemos destacar: parque infantil, quadra poli-esportiva, quiosque de alimentação, bancos, iluminação e cestos de lixo.

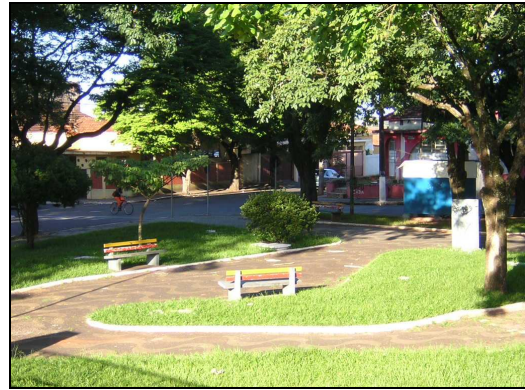
Se fossemos apenas fazer uma análise quantitativa da estrutura e mobiliário, poderíamos classificá-la como excelente, pois além de oferecer vários equipamentos, como dito anteriormente, esta praça possui uma excelente relação com a comunidade ao seu entorno. Contudo, este trabalho vai além. Consideramos também como categoria de análise, o grau de conservação do que é oferecido.

Neste contexto, podemos sem medo algum de errar, tecer vários comentários. Um dos maiores problemas detectados foi à conservação dos bancos, dos caminhos, dos brinquedos, da quadra esportiva, enfim, a praça no momento em que realizamos o trabalho de campo, estava praticamente em total estado de abandono, o que representa além do total descaso do poder público para um espaço tão importante, vários riscos aos seus usuários.

Deste modo, várias são as medidas que sugerimos para que esta praça torne-se mais agradável, segura e freqüentada. Dentre estas medidas, podemos citar:

- Podas da grama e das árvores;
- Reforma do parque infantil;
- Reforma da quadra poli-esportiva;
- Reforma do calçamento do passeio;
- Plantio de árvores novas e de grande porte;
- Colocação de lixeiras;
- Melhorias na iluminação;
- Implantação de um posto policial para oferecer maior segurança aos freqüentadores.

Praça Nicolau Carpentieri (praça da Concha)



Fotos 9 e 10: Vista parcial da praça Nicolau Carpentieri. Autor: Thiago Hernandes de Souza Lima 02/2005

A praça Nicolau Carpentieri como a praça Dom Pedro, figura entre as praças analisadas como uma das mais completas e integradas à comunidade a qual pertence.

Ocupando uma área de um quarteirão inteiro a Praça da Concha como é mais conhecida, possui vários tipos de estruturas e equipamentos que são consumidos durante todo o dia pelos mais variados perfis de idade de usuários.

Pela manhã, seu maior uso está relacionado às crianças, quando as mães, avós ou responsáveis às levam para brincar no parque infantil que existe no local, para andar de bicicleta, brincar de carrinho, enfim, aquelas atividades típicas do universo infantil.

Já no período da tarde, a praça “explode” de tanta vida em virtude do grande fluxo populacional. Crianças brincando, idosos jogando cartas, adolescentes “andando” de patins, adultos a freqüentando como local de passagem e descanso,

No período noturno ocorre uma diminuição do uso desta praça, mas nada que venha comprometer o grande fluxo que a mesma obteve durante o dia. Neste momento, seu maior uso está na camada mais adulta, onde os mesmo a utilizam como local de namoro, paqueras, ou como “praça” de alimentação.

Frente a estes mais variados usos, é lógico que só poderia possuir uma variada gama de equipamentos e estruturas a ser oferecida para a comunidade. Dentre os principais equipamentos e estruturas, podemos citar: escola municipal de ensino

infantil, parque infantil, estrutura para terceira idade, palco para realização de eventos, quiosques de alimentação, iluminação entre outros.

No tocante a manutenção e conservação da praça, salientaríamos a necessidade do plantio de espécies arbóreas para substituir as árvores mais velhas quando fossem morrendo ou cortadas. Outra sugestão seria a implantação de um paisagismo que estaria valorizando ainda mais a beleza do local além da implantação de mais lixeiras.

Praça Arlindo Luz (praça em frente a Fepasa)



Fotos 11 e 12: Vista parcial da praça Arlindo Luz. Autor: Thiago Hernandes de Souza Lima 02/2005

A praça Arlindo Luz está localizada na principal avenida de Assis, a Rui Barbosa. Apesar de esta localizada próxima da praça Nicolau Carpentieri, esta praça em termos de uso possui uma realidade muito diferente. O que mais a caracteriza é o fato dela ser local de passagem e de ponto de encontro e referência.

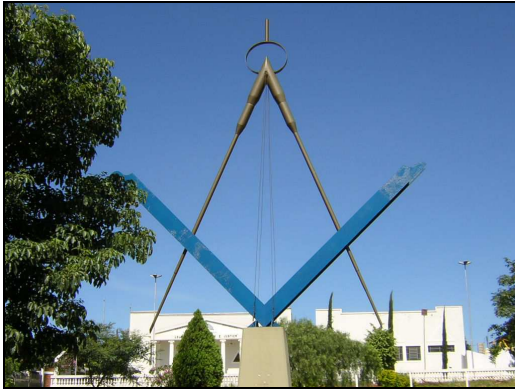
Pelo fato da sua localização estar em uma via extremamente movimentada, a presença de crianças no local para brincar é praticamente nula. Já no que diz respeito aos idosos, sua presença é mais intensa, pois a praça é dotada de mesas para jogos de cartas.

Sobre a estrutura encontrada, pode-se frisar que a mesma possui os elementos necessários à função que se presta. Dentre estes, podemos destacar: bancos, mesa para jogos de cartas, banca de revistas, iluminação, monumento, banheiros, e edificação institucional municipal.

Merecedor de destaque nesta praça é o excelente grau de conservação de suas estruturas, uma vez que no ato da coleta de dados a encontramos com grama podada, totalmente limpa, sem sinais de vandalismo ou qualquer outro ato que viesse prejudicá-la.

Assim sendo, poucas são as sugestões para este ambiente. A única coisa que sugeriríamos seria a colocação de mais espécies florísticas, o qual embelezaria ainda mais esta praça de grande valor histórico para a cidade de Assis.

Praça do Maçom (praça do Paulu's Lanches ou Praça da Malta)



Fotos 13 e 14: Vista parcial da praça do Maçom. Autor: Thiago Hernandes de Souza Lima. 02/2005

A Praça do Maçom, figura entre as praças analisadas como uma das mais completas frente as diferentes formas de uso. Não é uma praça dotada de muitas estruturas, mas em virtude de sua localização, limpeza e formas de consumo de seu espaço, acaba por exercer grande papel de elemento de integração não apenas da comunidade da qual faz parte, mas como um dos pontos de encontro da cidade de Assis.

Durante os dias úteis da semana, tanto no período da manhã como no período da tarde, esta praça é ocupada principalmente pelos funcionários de uma indústria de bebidas que se encontra nas proximidades, como local de descanso entre um turno e outro. Outro fator de atração de pessoas para esta praça é a existência de uma mina d'água no local, cuja água ofertada é de excelente qualidade e é oferecida gratuitamente para a população que se dirige diariamente em busca de água mineral potável.

No período noturno, os principais freqüentadores são os adolescentes, que a utilizam como local de paquera, de encontro da "turma", ou que a utilizam para realizarem refeições rápidas – lanches ou porções – obtidas em uma lanchonete existente de frente à ela.

Mas são durante os finais de semana no final da tarde e no período noturno que esta praça "explode" de tanta vida em razão do grande número de usuários, que a

buscam pelos mais variados motivos, mas todos direta ou indiretamente relacionados ao lazer e entretenimento.

Conforme exposto anteriormente, esta praça não é dotada de uma ampla variedade de equipamentos e estruturas. Contudo, em razão da função e da forma de uso a qual a mesma se presta e se caracterizou, ela está perfeitamente completa, uma vez que quaisquer outros equipamentos estariam por atrapalhar a harmonia paisagística existente no local.

Sobre a vegetação, é interessante destacar que o que predomina são as palmáceas que se encontram em perfeito estado de harmonia com o ambiente.

Assim sendo, dentre os principais equipamentos e estruturas encontradas, podemos citar: bancos, iluminação, bebedouro, monumentos e lixeiras. É uma praça pobre em equipamentos, mas muito rica em seu uso.

Merecedor de destaque é a sua excepcional manutenção. Grama podada, iluminação adequada, caminhos bem conservados, chão limpo, enfim, todos os atributos que a colocam como uma das melhores praças de Assis.

A única sugestão que faço para o local seria a implantação de algum tipo de vigilância para proporcionar maior segurança aos seus usuários além da implantação de jardins com flores que brotassem em diferentes momentos do ano.

Praça Mocidade



Fotos 15 e 16: Vista parcial da praça da Mocidade. Autor: Thiago Hernandes de Souza Lima. 02/2005

Tida como uma das praças mais “vivas” e conhecidas da cidade de Assis, a praça da Mocidade é freqüentada por um grande número de pessoas de todas as partes da cidade durante o dia e a noite.

Nela semanalmente – todas as terças-feiras pela manhã – realizam-se uma feira de produtores rurais, o qual se comercializa verduras, legumes, frutas e outros produtos típicos deste tipo de comércio.

Outra forma de uso que a caracteriza é a existência de aulas de auto-escola, cujos alunos aprendem a conduzir carros e motos e também realizam seus exames para obtenção da CNH.

Já no período noturno, esta praça é ponto de estacionamento, desembarque e embarque os estudantes que vem de outras cidades para buscar em Assis, a continuação ou conclusão de seus estudos.

Queríamos aqui mencionar que esta praça é um dos principais palcos de realização de eventos e manifestações populares, culturais e políticas do município. Shows, comícios, celebrações religiosas dentre outras, são algumas das manifestações que marcam a praça da mocidade. É interessante também ressaltar que esta é uma das poucas praças totalmente impermeabilizada, sem nenhum espaço com grama ou similar.

A praça da mocidade não é uma praça voltada para o uso de crianças, seja pela falta de atrativos infantis, seja pela sua localização e pelo grande fluxo de pessoas durante todo o dia.

Foi na praça da mocidade em que foram realizados os principais eventos das comemorações do centenário de Assis

Nos finais de semana, além de shows abertos a comunidade, esta praça é freqüentada por moradores de vários bairros que a buscam como local de realização de refeições – lanches – local de encontro, paquera e outras atividades típicas da população jovem.

Sobre a estrutura do local, esta praça não é dotada de muitos equipamentos. Dentre os principais encontrados podemos destacar: bancos, ponto de ônibus, quiosque de alimentação – móvel – iluminação e estacionamento.

Visando sempre um melhor aproveitamento, sugeriríamos para esta praça a colocação de identificação, de jardineiras com flores coloridas, a colocação de lixeiras espalhadas pelo local além do plantio de mais árvores para sombreamento nas tardes quentes de verão.

Praça da Prefeitura



Fotos 17 e 18: Vista parcial da praça da Prefeitura. Autor: Thiago Hernandes de Souza Lima. 02/2005

A praça da Prefeitura não é caracterizada por ser uma praça de permanência ou de lazer, mas sim como praça de passagem e referência. Fato que comprova isto é a inexistência de bancos no local.

Da mesma forma que ocorre em outras localidades do Estado de São Paulo e do Brasil, a cidade de Assis possui seu poder administrativo gravitando em torno de uma praça, uma vez que conforme o próprio nome, a Prefeitura se localiza nela e a antiga Câmara dos Vereadores também.

Dentre as principais estruturas encontradas, podemos destacar: telefone público, ponto de ônibus, agencia bancária, caixa eletrônico, iluminação, busto além de um jardim.

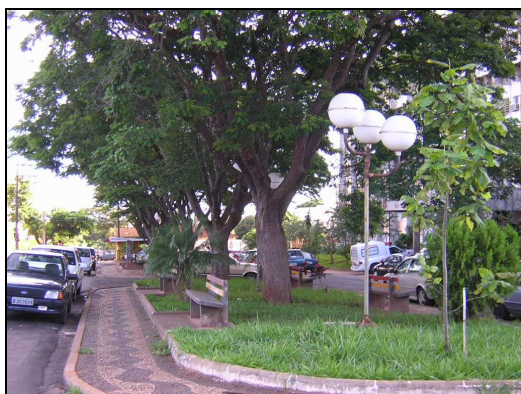
Por se tratar de uma praça central cujo poder executivo municipal nela se instala a praça da Prefeitura não enfrenta problemas de manutenção ou conservação de suas estruturas.

Contudo, algumas sugestões caberiam para tornar este espaço ainda mais agradável visualmente. Dentre estas, podemos citar: realização de um trabalho paisagístico mais eficiente e adequado e colocação de bancos para os transeuntes.

Em razão da forma de uso, acreditamos que este espaço seria mais bem adequado caso fosse classificado como jardim e não como praça, uma vez que poucas

são as formas de consumo do local que a caracterizam como praça. Em razão disso, até mesmo o trabalho paisagístico que destacamos poderia ser melhor direcionado e desenvolvido.

Praça Symphrônio Alves dos Santos (praça do Regional)



Fotos 19 e 20: Vista parcial da praça Symphrônio Alves dos Santos. Autor: Thiago Hernandes de Souza Lima. 02/2005

A praça Symphrônio Alves dos Santos está localizado entre os dois principais hospitais da cidade de Assis e da região do Médio Vale do Paranapanema – a Santa Casa de Misericórdia de Assis e o Hospital Regional de Assis.

Freqüentada principalmente por familiares de pacientes ou por pessoas que vão visitar os enfermos, esta praça não é caracterizada por ser uma praça pelo envolvimento exclusivo da comunidade dos bairros ao seu entorno como acontecia anteriormente nas outras praças, mas sim, como uma praça que é local de permanência e passagem de pessoas que de alguma forma estão relacionadas com os hospitais em seu entorno, fato este que não diminui a importância do papel exercido por ela.

Dentre as principais estruturas encontradas podemos citar: Bancos, iluminação, identificação, busto, hospitais, bancas de revista, quiosque de alimentação e estacionamento.

Já no tocante a manutenção, podemos classificar como mediana, porque apesar de não encontrarmos equipamentos destruídos, o paisagístico do local poderia ser melhorado.

Mesmo com toda esta importância e com esta variada gama de estruturas, algumas melhorias poderiam ser feitas para tornar este local. Dentre estas, podemos citar:

- Melhorias na iluminação;
- Substituição do gramado;
- Trabalho paisagístico;
- Colocação de um policial;
- Colocação de caixa eletrônico 24 horas;
- Plantio de espécies arbóreas de grande porte para substituir as velhas quando fossem cortadas.

Praça São Benedito



Fotos 21 e 22: Vista parcial da praça São Benedito. Autor: Thiago Hernandez de Souza Lima. 02/2005

A praça São Benedito está localizada na área limítrofe entre a Vila Operária e o complexo da Vila Prudenciana. Esta é uma das áreas mais populosas da cidade, e do ponto de vista econômico, não figura como uma das mais privilegiadas.

A Praça São Benedito, em razão de sua localização estratégica, possui grande relação com a comunidade ao seu entorno, uma vez que a mesma é freqüentada pelos mais variados perfis de usuários durante todo o dia.

Uns a buscam como local de descanso, outros como local de passagem, como local de lazer e encontros e outros ainda a utilizam como ponto de referência.

Uma das principais características desta praça é a elevada arborização encontrada, como espécies bem variadas no tamanho e no tipo. Como este trabalho não propõe a identificação das espécies vegetais encontradas, nos guardamos ao direito de tecer apenas comentários superficiais neste assunto.

Sobre as principais estruturas encontradas, podemos destacar: iluminação, bancos, mesas para jogos de cartas, pontos de ônibus, lixeiras para coleta de materiais recicláveis e quiosque de alimentação.

Mesmo sendo uma praça considerada boa, frente a manutenção de suas estruturas, localização e formas de usos, algumas melhorias poderiam ser efetuadas com o intuito de torná-la ainda mais agradável. Dentre estas, podemos destacar:

- Trabalho paisagístico com a implantação de canteiros de flores;
- Colocação de mais lixeiras de pequeno porte espalhadas pelo local;
- Identificação;
- Melhoria na iluminação;

Praça Dona Leonor Mendes de Barros (praça da Sorocabana)



Fotos 23 e 24: Vista parcial da praça D. Leonor Mendes de Barros. Autor: Thiago Hernandes de Souza Lima. 02/2005

A praça Dona Leonor Mendes de Barros, mais conhecida como praça da Sorocabana, está localizado em uma das áreas mais antigas e nobres da cidade, a Vila Santa Cecília. Esta praça é conhecida como Praça da Sorocabana em razão do prédio que está a sua frente, hoje um colégio particular, ter sido ocupado pelo hospital da antiga Estrada de Ferro Sorocabana.

Conversando com moradores mais antigos do bairro, muitos deles ao falarem desta praça, demonstraram um profundo apego, pois muitos dos moradores do bairro da Santa Cecília são ex-funcionários da Fepasa, e tinha a praça como um símbolo da categoria profissional.

Quando eles relembavam de como a praça era antes, com fonte luminosa, com vendedores de biju, algodão doce e outras iguarias, as pessoas disseram que sentem pena do estado de abandono em que se encontra a praça que já foi tida como marco dos ferroviários na cidade de Assis.

Atualmente, mesmo não tendo mais o brilho que teve outrora, a praça da Sorocabana ainda apresenta uma interessante variedade de usos nos mais diferentes momentos do dia.

Ela é palco da realização semana da feira dos produtores rurais – toda terça feira na parte da manhã.

Pela manhã, seus principais freqüentadores são as crianças, que utilizam para brincar de carrinho, andar de bicicleta ou brincar no parque infantil que existe no local.

No período da tarde, a praça passa a apresentar um público bem variado, seja na idade, seja nas formas de uso. Crianças brincando, idosos a utilizando como local de “bate-papo”, jovens passando no ir e vir diário, enfim, formas de uso das mais heterogenias possíveis.

À noite, esta praça sofre uma verdadeira transformação nas formas de uso, pois não são vistas mais crianças nem idosos freqüentando-a, o que a caracteriza neste contexto, são jovens a consumindo como ponto de encontro e paqueras, além de muitos a utilizarem como ponto de realização de refeições nos quiosques de lanche encontrados.

Sobre a estrutura encontrada, podemos destacar: bancos, monumentos, chafariz, quiosques de alimentação, ponto de ônibus, iluminação e estacionamento.

Apesar da variada oferta de estruturas encontradas, o que mais chama a atenção é a falta de conservação, ou melhor, de um maior zelo com esta praça que possui todo um valor simbólico e histórico.

Frente a esta situação, tecemos algumas sugestões para que esta praça volte a ter todo o glamour que outro possuiu. Dentre estas, destacamos:

- Reforma da fonte;
- Substituição das luminárias quebradas;
- Reforma no calçamento;
- Plantio de espécies arbóreas;
- Reforma no parque infantil;
- Substituição do gramado por um novo;
- Realização de um trabalho de paisagismo e jardinagem;
- Colocação de um ponto de ônibus mais adequado;
- Instalação de lixeiras.

Praça Paschoal Santilli (praça da igreja da Santa Cecília)



Fotos 25 e 26: Vista parcial da praça Paschoal Santilli. Autor: Thiago Hernandez de Souza Lima. 02/2005

A Praça Paschoal Santilli ou praça da Igreja de Santa Cecília como é conhecida popularmente, da mesma forma que a praça anterior, está localizada em uma das áreas mais nobres da cidade de Assis, a Vila Santa Cecília.

Esta é uma praça que possui um grande valor para a comunidade a qual faz parte, pois pelo fato da Vila Santa Cecília ser um dos bairros mais antigos e tradicionais da cidade de Assis, muitos adultos de hoje, passaram sua infância brincando, andando de bicicleta e outras peripécias típicas da infância.

Outro fator que a aproxima da comunidade a qual faz parte, é a existência de uma igreja em seu espaço, a qual atrai em todas as missas um grande número de usuários. Associado a isso, acresça a realização de várias festividades típicas do interior paulista como celebrações religiosas, procissões, quermesses dentre outras realizações promovidas pela paróquia.

Contudo, fora estas festividades, a praça da igreja de Santa Cecília, não é marcada por um uso intenso, mas sim por usos esporádicos e poucos regulares. O que mais há caracteriza nos dias “normais” é a função de passagem e de local de encontro de senhoras que freqüentam a igreja. Fora essas formas de uso, dificilmente encontram outras como crianças brincando, por exemplo.

Assim, dentre as principais estruturas que encontramos no local podemos destacar: bancos, templo religioso, telefone público, monumentos, estacionamentos,

quiosque de alimentação e salão utilizados para festas e orientações para alcoólicos, das pastorais e demais ações promovidas pela paróquia.

Portanto, para que esta praça tivesse uma maior relação com a comunidade, algumas adequações poderiam ser realizadas para que a mesma se tornasse mais freqüentada. Dentre estas, sugerimos:

- Plantio de árvores novas para substituir as velhas quando forem cortadas;
- Trabalho paisagístico;
- Desenvolvimento de atividades lúdicas para terceira idade;
- Melhoria na iluminação;

Jamais podemos esperar que esta praça venha ter uso intenso o dia todo, mas com estas melhorias, creio que a freqüência e o tempo de permanência no local aumentaria.

Praça Ernesto Nóbile (Conjunto habitacional CDHU)



Fotos 27 e 28: Vista parcial da praça Ernesto Nóbile. Autor: Thiago Hernandez de Souza Lima. 02/2005

A praça Ernesto Nóbile está localizada no Conjunto Habitacional CDHU.

Dotada de uma ampla infra-estrutura, esta praça pode-se dizer que é uma das praças mais completas que encontramos durante as análises, pois possui atrativos para todas as idades.

Durante a coleta de dados e informações, foi claramente percebida a relação que existe entre a praça e a comunidade ao seu entorno. Conversando com alguns moradores, é facilmente percebida a relação de posse, ou seja, eles vêm a praça como deles, como algo comum a todos e isso influencia diretamente na forma de consumi-la.

Dentre os principais equipamentos e estruturas encontradas podemos destacar: parque infantil, bancos, quadra poli esportiva, mesas para jogos de cartas, iluminação, identificação além de caminho que podem ser usados para caminhadas.

Frente ao que foi encontrado, não temos grandes sugestões de melhorias. As únicas coisas que salientaríamos é que as pessoas continuassem tendo essa relação de posse com o local, pois isso auxilia muito na manutenção e nas formas de usos e que fossem plantadas flores com o intuito de embelezar ainda mais o local.

Praça São José Operário (praça da vila Operária)



Fotos 29 e 30: Vista parcial da praça São José Operário. Autor: Thiago Hernandes de Souza Lima. 02/2005

A praça São José Operário está localizada na rua Siqueira Campos, na Vila Operária, bairro caracterizado por ser ocupado em sua maioria, por população da classe operária da cidade de Assis, ou seja, com um padrão econômico mediano.

Vista como local de referência para a comunidade a qual faz parte, a Praça São José Operário, é palco de diversas festividades promovidas pela paróquia de São José Operário que se encontra nas dependências da praça.

Em razão de não possuir muitos atrativos em suas dependências, esta praça não é caracterizada por ser uma praça de permanência durante o dia, salvo a permanência para descanso, mas nada relacionado ao lazer ou ao desenvolvimento de atividades.

Contudo, no período noturno, esta praça sofre uma verdadeira transformação, pois ela acaba sendo ocupada por jovens, adultos e idosos que a buscam nas noites quentes de verão como opção de se refrescarem do forte calor do interior de suas casas, para realizarem refeições rápidas – lanches, além de a freqüentarem após as missas que são realizadas no templo católico que existe no local.

Sobre as estruturas e mobiliários existentes no local, podemos destacar: templo religioso católico, salão de festas, salão paroquial, quiosque de alimentação, e um pequeno teatro aberto, um pequeno palco.

Merecedor de destaque, por se tratar de uma praça “consumida” pela comunidade a qual faz parte e por possuir uma grande relação de identidade e propriedade, a existência de atos de vandalismo no local é praticamente nula.

Contudo, algumas melhorias poderiam ser feitas para que o local fosse ainda mais freqüentado e agradável de permanecer. Dentre estas, podemos destacar: realização de um trabalho paisagístico, poda nas árvores, plantio de mais espécies de flores, colocação de opções de lazer para a população idosa do bairro além da realização de mais eventos populares que envolva toda a comunidade do seu entorno.

Praça Dom José Maritano (praça da vila Xavier)



Fotos 31 e 32: Vista parcial da praça D. José Maritano. Autor: Thiago Hernandes de Souza Lima. 02/2005

A praça Dom José Maritano, está localizada na vila Xavier, e é mais conhecida como praça da igreja da “Vila Xavier”.

Freqüentada principalmente pela presença da Igreja Basílica São Vicente de Paula conforme a foto acima, esta praça também possui outras formas de uso desassociadas dos religiosos.

Durante o dia, o momento de maior uso é o da manhã, pois em virtude da pouca arborização, a existência de áreas sombreadas é pouco expressiva. Neste período, é comum encontrarmos crianças brincando, andando de bicicleta e desenvolvendo outras atividades típicas infantis.

Já no período da tarde, em virtude da pouca estrutura para lazer e do sol forte, principalmente no verão, esta praça é caracterizada principalmente por ser um local de passagem e não por um de permanência como de manhã.

Mas é no período noturno que a vida “explode” na praça Dom José Maritano, uma vez que muitos a freqüentam para ir à missa, outros para namorarem, para realizarem refeições rápidas, crianças brincando na guarita dentre outras cenas constatadas durante as observações realizadas no trabalho de campo e na vivência cotidiana no local.

É importante ressaltar a grande relação de identidade existente entre a comunidade e a praça e a não existência de atos de vandalismo.

Dentre as principais estruturas e mobiliários encontrados, podemos destacar: quiosque de alimentação, guarita, templo religioso católico, lixeiras, salão para festas, iluminação, acetos dentre outros.

Mesmo sendo uma praça bem conservada, sem problemas com atos de vandalismo e com uma frequência em praticamente todo o dia, algumas melhorias poderiam ser realizadas objetivando oferecer mais opções e atrativos aos seus frequentadores.

Deste modo, podemos citar: substituição da grama, plantio de mais árvores de grande porte para sombreamento, plantio de flores, instalação de mesas para jogos de cartas para terceira idade. Com essas sugestões de melhorias, acreditamos que este espaço de tanta importância para esta comunidade seria ainda mais frequentado e ofereceria um visual ainda mais bonito que o já oferecido.

Praça Antônio Silva (praça da Bandeira)



Fotos 33 e 34: Vista parcial da praça Antônio Silva. Autor: Thiago Hernandes de Souza Lima. 02/2005

A praça Antônio Silva ou praça da Bandeira como é mais conhecida está localizada em uma das áreas mais movimentadas da cidade de Assis – o final da avenida Marechal Deodoro e proximidades da avenida Rui Barbosa.

A praça da Bandeira não é caracterizada por ser uma praça de lazer, mas sim como uma praça de passagem e de embelezamento da área central da cidade de Assis.

Pelo fato de sua localização estar área central, e pelo grande fluxo de automóveis nas duas ruas que a circundam, dando assim a aparência de uma “ilha” esta praça acaba exercendo um papel importante de local de descanso e de ponto de referência, além é lógico de ser de vital valia no auxílio de quem atravessa as ruas ao seu entorno.

Dentre as principais estruturas encontradas, podemos destacar a existência de bancos, iluminação, identificação e quiosque de alimentação.

Mesmo não sendo uma praça portadora de uma grande variedade de estruturas, esta praça não deixa de ter a sua importância, pois podemos classificá-la não como uma praça de bairro, mas sim um espaço, uma praça da cidade de Assis, onde todo morador sabe onde fica a Praça da Bandeira.

Considerando seu atual estado de conservação, e de usos, não temos nenhuma observação para a melhoria desta área, salvo o plantio de mais árvores, principalmente de acompanhamento viário.

Praça 1º de Maio (praça da vila Prudenciana)



Fotos 35e 36: Vista parcial da praça 1º de Maio. Autor: Thiago Hernandes de Souza Lima. 02/2005

A praça 1º de Maio, ou mais popularmente praça da Vila Prudenciana como é conhecida, está localizada em uma das áreas mais populosas da cidade de Assis, o “Complexo da Prudenciana”, que engloba vários pequenos e populosos bairros da cidade em uma mesma região.

Vista como o principal ponto de referência e um dos principais ícones de identidade de toda uma comunidade, a praça da Prudenciana apesar de estar distante do centro da cidade, figura como uma das principais praças da cidade, reafirmando a tese que para ser boa, não precisa estar no centro.

Portadora de um intenso fluxo de pessoas durante todo o dia, pelas mais diferentes razões, esta praça possui uma relação quase que de posse com a comunidade da qual faz parte, ou seja, cada membro a vê como “sua” como “seu” esse espaço.

Dentre as diferentes formas de uso, podemos dividir da seguinte forma: durante a manhã, é local de passagem, ponto de referência, local de descanso, além de ponto onde crianças se divertem com brincadeiras típicas da faixa etária.

No período da tarde, as crianças deixam de ser maioria e cedem espaço aos idosos da comunidade que se reúnem para jogos de cartas ou simples bate-papos.

No período noturno, esse espaço passa a ter uma outra “cara”, pois além de não encontrarmos mais crianças e idosos, os principais consumidores desse espaço são os jovens. Contudo, nota-se também a presença de adultos sozinhos e de famílias.

Dentre as principais formas de uso da praça por estes jovens, podemos destacar: como local de encontro, como local de entretenimento e paquera, como local de realização de refeições rápidas – lanches.

Sobre as estruturas encontradas, nota a existência de uma grande variedade, e podemos destacar a existência de: ponto de ônibus, banheiros, templo religioso, quadra esportiva, iluminação, guarita, quiosque de alimentação e mesa para jogos de cartas.

Mesmo sendo uma praça com tanta vida, pode-se detectar facilmente que o poder público municipal não dá a atenção devida a este espaço público de tanta importância e relação com uma comunidade.

Assim, algumas melhorias poderiam ser feitas a fim de tornar esse espaço mais agradável. Dentre essas, destacamos: realização de um trabalho paisagístico e plantio de flores, pinturas no mobiliário existente no local, oferecer mais segurança aos usuários, colocar mais lixeiras, melhorar a iluminação, enfim, uma série de reparos que possuem por objetivo, tornar esse local tão importante para uma comunidade carente de recursos financeiros, mais agradável e com mais atrações.

Praça Werner Jasckhe (praça do BNH/ Jd. Paraná)



Fotos 37e 38: Vista parcial da praça Werner Jasckhe. Autor: Thiago Hernandes de Souza Lima. 02/2005

A praça Werner Jasckhe ou praça do Jardim Paraná como é mais conhecida está localizada nas proximidades do conjunto habitacional construído pelo antigo BNH.

Dotada de poucas estruturas e atrativos, e com pouca importância para a cidade de Assis, esta praça foi escolhida por ser um ponto de referência e de opção de encontro à comunidade a qual faz parte.

É muito comum, até mesmo pela pouca estrutura encontrada e pela inexpressiva arborização, essa praça passar boa parte do dia com pouquíssimo uso, sendo as crianças as maiores consumidoras desse espaço desprovido de pessoas e de atrativos.

Contudo é no período noturno que esta praça ganha vida, pois em virtude do calor ser menos intenso, muitas pessoas se dirigem até ela para paquerarem, bater-papo, realizarem refeições rápidas, levarem as crianças para brincarem.

Dentre as principais estruturas existentes, podemos destacar: quiosque de alimentação, iluminação, bancos e ponto de ônibus.

Justamente por apresentar certa deficiência no tocante ao uso, é que algumas melhorias para o local se fazem necessárias. Assim, sugerimos: implantação de parque infantil, plantio de árvores, colocação de mais lixeiras, de telefones públicos, criação de atrativos para a terceira idade e realização de um trabalho paisagístico com o plantio de flores.

Acreditamos que com essas melhorias, além de ficar visualmente mais agradável, esta praça passará a cumprir efetivamente sua função de praça junto à comunidade a qual faz parte.

5. Resultados, Discussões e Considerações Finais

E foi assim que chegamos ao final deste trabalho.

Ao iniciarmos, como foi exposto anteriormente, não esperávamos encontrar um universo tão rico, seja em termos de quantidade, fosse a termos de qualidade.

Qual o elemento mais comum, mais típico em qualquer centro urbano do Brasil e do mundo? A resposta é simples: a praça. Fatores como valores culturais, clima, relevo, características sociais e econômicas certamente influenciam, nas diferentes formas de usos e funções exercidas por esse espaço. Contudo, dentre outras características em comum, podemos destacar que todas as praças são espaços públicos.

E no caso de Assis, este cenário não é diferente, uma vez que apesar de possuir um número elevado e confortável de praças para uma cidade com menos de 100 mil habitantes (60, vide mapa em anexo), apresenta uma situação delicada se considerarmos o quesito de estruturas oferecidas e a conservação destas.

Durante o desenvolvimento das leituras, tivemos de forma clara, a importância das praças e dos demais espaços públicos para as cidades, onde jamais devemos vê-las como áreas abertas e em alguns casos, dotados de algum tipo de vegetação.

E foi apoiando-se nestas leituras que tivemos condições de estarmos selecionando as praças mais “importantes” da cidade de Assis, o qual obteve um número de 19 (vide mapa nos anexos). Para essa seleção, além da localização, foi considerado o mobiliários apresentado, o grau de relação existente entre a comunidade e a praça, as formas de uso e função atribuídas e adequadas à estas praças.

Deste modo, gostaríamos de salientar que a escolha não foi feita aleatoriamente, sem critérios e observações/constatações prévias do objeto em questão.

Várias foram às dificuldades encontradas no desenvolvimento deste trabalho. A primeira delas começou no tocante ao embasamento teórico metodológico, uma vez que a bibliografia sobre praças é escassa.

Depois de vencida essa etapa, tivemos outro grande obstáculo a ser transposto: obter as Leis Municipais de criação e nomeação de todas as praças de Assis, com ênfase às 19 selecionadas.

Após esta etapa, o desafio que se punha era o de obter as cartas para a confecção, espacialização e localização das praças de Assis sobre a malha urbana. Quando encontramos em contato com as cartas oficiais fornecidas pela secretaria de planejamento, constatamos que as mesmas apresentavam informações equivocadas e desencontradas, uma vez que espaços que hoje são nomeados como praças, na carta base original fornecida, era classificada como área verde ou como área institucional dentre outros equívocos encontrados.

Para sanarmos essas deficiências, realizamos um novo levantamento de campo para podermos tecer as adequações necessárias, conforme mapa que expõe as 60 praças do município de Assis que está apresentado nos anexos.

Queríamos ressaltar aqui que não foi possível entrar em contato com todas as Leis Municipais de criação e nomeação de todas as praças, mas sim de algumas, em virtude da Câmara Municipal de Assis e a Secretaria Municipal de Planejamento Urbano não ter fornecido-as pela razão que não nos cabe aqui discutir quais são, até porque não nos foi relatado.

E foi assim que encontramos um universo rico e dotado de várias peculiaridades e características próprias.

Uma dessas constatações observadas foi que as praças analisadas não possuem homogeneidade, seja nas estruturas, na conservação, nas formas de uso e funções atribuídas e adquiridas.

Uma das razões que atribuo a essa grande variedade de usos e funções está na localização destas. Praças localizadas em áreas menos centrais possuem um caráter mais voltado ao lazer, ao encontro. Por sua vez, as praças mais centralizadas, possuem um papel mais voltado à passagem, a servir de ponto de referência ou a um lazer diferenciado das praças de bairros.

Outro fator que contribui para essa diversidade de usos e funções está no período do dia. Conforme pode ser observado na análise individual das praças

selecionadas, constatamos que muitas praças praticamente sofrem uma metamorfose no tocante às formas de uso.

Sobre as estruturas encontradas, também encontramos um cenário bem heterogêneo, já que constatamos praças dotadas de uma completa infra-estrutura e ao mesmo tempo, praças dotadas de praticamente nenhuma.

Sobre as estruturas mais encontradas, podemos destacar: caminhos, iluminação, bancos e quiosques de alimentação.

As maiores deficiências encontradas no tocante às estruturas são: identificação, ponto de ônibus e de táxi, opções de lazer para terceira idade e para as crianças.

Não estou aqui querendo dizer que todas as praças da cidade de Assis, principalmente as 19 selecionadas devam possuir todos os elementos considerados no formulário de obtenção dos dados de campo, mas que o poder público municipal, ao desenvolver políticas para o setor, considere fatores como renda do bairro, faixa etária da comunidade a qual a praça esta inserida, opções de lazer público e gratuito que são oferecidos na região dentre outros fatores.

Foi claramente detectado que o fato de existir estruturas, infelizmente não implica em um considerável grau de conservação, uma vez que foi comum encontrarmos em todas as praças assisenses, com ênfase maior nas 19 selecionadas, praças que não ofereciam boas condições de uso e de segurança aos seus frequentadores.

Dentre as principais deficiências encontradas, podemos destacar: caminhos mal conservados, bancos insuficientes ou mal conservados, parques infantis que oferecem brinquedos que podem colocar em riscos os usuários e iluminação inadequada em algumas praças. Frente a isso, sugiro a imediata reparação destas carências.

Merecedor de destaque é a falta de uma política municipal para a implantação de um programa de plantio de árvores em praças, uma vez que a grande maioria das árvores encontradas nesse espaço, já se encontra em idade adulta, tendo a sua vida útil restante, não muito longa, sendo as constantes podas mal conduzidas, uma agravante a mais para este cenário. Acresça a essa situação, a constatação de praças com gramas não podadas, de lixos espalhados pelo chão em virtude da falta de educação dos usuários e da falta de lixeiras.

Sugiro também a criação de programas de entretenimento, de educação, de esportes e de lazer a serem desenvolvidas nas praças, principalmente nas que se encontram “desligadas” à comunidade a qual faz parte. Assim, acredito que a comunidade passaria a consumi-la mais e com isso, poderia ocorrer uma diminuição dos atos de vandalismos que estas praças sofrem e poderiam sofrer.

Vale destacar também que em a forma de “consumo” das praças, varia conforme o aspecto econômico.

E foi esse o cenário encontrado: um misto de usos e funções, uma grande variedade de graus de conservação, uma cidade dotada de muitas praças, mas em sua maioria, desprovidas de elementos essenciais, um município que padece de uma política eficiente para este setor.

Importante ressaltar também que constatamos após “ouvir” moradores das comunidades nas quais se localizam as praças selecionadas que além da falta de conservação e de atrativos, o surgimento de “novos” meios de lazer e consumo como clubes particulares e *shopping center*, contribuem para que a praças passem a ser menos freqüentada. Mas uma coisa foi consenso à todos: nada justifica o estado de abandono que muitas praças assisenses se encontram, inclusive as que não foram selecionadas.

Contudo, o mais importante de tudo isso, é que encontramos praças “vivas”, ligadas à comunidade a qual faz parte, independente do nível sócio-econômico, demonstrando assim que o fator econômico não é o único determinante para o sucesso ou fracasso de uma praça, mas sim a forma com que a comunidade a vê e a incorpora ao seu cotidiano.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de A. **O estudo geográfico da cidade no Brasil: evolução e avaliação.** In: CARLOS, A. F. A. (org) *Os caminhos da reflexão sobre cidade/urbano.* São Paulo: EDUSP, 1994.

ANDRADE, R.O.B. de, TACHIZAWA T, CARVALHO, A. B. de. **Gestão Ambiental: enfoque estratégico aplicado ao desenvolvimento sustentável.** São Paulo. Makron Books, 2000

BARDET, G. **O Urbanismo.** Campinas. Papirus, 1989

BAKHTIN apud SEGAWA, H. **Ao amor do público: jardins no Brasil.** São Paulo, FAPESP, Studio Nobel, 1996.

BEI, F. H. **As Áreas Livres de Uso Público no Centro da Cidade de São Paulo e suas Funções na Contemporaneidade.** Dissertação (mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2003

BRANCO, S. M. **O Meio Ambiente em Debate.** São Paulo. Moderna, 1989

CARLOS, A. F. A. (org) **Os caminhos da reflexão sobre cidade/urbano.** São Paulo: EDUSP, 1994.

_____. **Novos Caminhos da Geografia.** São Paulo. Contexto, 1999

CARLOS, A. F. A. & LEMOS A. I. G (org). **Dilemas Urbanos: novas abordagens sobre a cidade.** São Paulo Contexto, 2003.

CARVALHO, P. F. de & BRAGA, R.(org) **Perspectivas de Gestão Ambiental em Cidades Médias**. Rio Claro. Deplan, 2001

CLAVAL, P. *as abordagens da Geografia Cultural in: CASTRO, I. E. de, GOMES, P. C. da C, CORRÊA, R, L (orgs). Explorações Geográficas*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997.

DE ANGELIS, B. L. D. **A praça no contexto das cidades: o caso de Maringá PR. 2000**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2000.

DUARTE, C. R. **Estilhaços da Experiência Urbana Moderna: dois bairros na metrópole de São Paulo – Tatuapé e Vila Aimoré**. Dissertação (mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2001

FAC: Fundação Assisense de Cultura “Joshey Leão”. Centro Cultural “Dona Pimpa”. Biblioteca Pública Municipal “nina Silva”. **Assis: oitenta Anos da Criação do Município** . Assis, 1997.

FONT, M. **A Praça em Movimento: processo de transformações morfológicas e funcionais no Brasil do século XX**. Dissertação (mestrado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003

FREIRE, M. C. M. **Além dos Mapas - os monumentos no imaginário urbanos: um estudo na cidade de São Paulo**. Tese (doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1995

GALLIANO, A.G.**O método científico: teoria e prática**. Harba São Paulo, 1986

GARDIN, C. **Campo Grande: entre o sagrado e o profano**. Dissertação (mestrado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1997

GARMS A. **Paraguaçu Paulista: contribuição para o estudo de um centro local do extremo sudoeste paulista**. Dissertação (Mestrado). São Paulo: FFLCH , 1977.

GEORGE, P. **Geografia Urbana**. São Paulo. Difel, 1983

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa. Atlas**. São Paulo, 1996.

GOMES, E. C. **Percepção do Ambiente Construído: a praça**. Tese (doutorado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1997

HOUGH, M. **Naturaleza Y Ciudad**. Barcelona. Gustavo Gili, 1998

JACOBS, J. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. São Paulo. Martins Fontes, 2000

JUNUZZI, D. de C. R. **Avaliação de Áreas Públicas do Centro de Londrina**. Dissertação (mestrado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000

LACAZE, J.P. **Cidade e o Urbanismo**. Lisboa. Piaget, 1995

LEFEBVRE, H. **O Direito à Cidade**. São Paulo. Documentos, 1969

LEITE, J. F. **A Alta Sorocabana e o Espaço Polarizado de Presidente Prudente**. Presidente Prudente – SP: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de presidente Prudente, 1972.

LIMA, A.M.L.P.; CAVALHEIRO, F.; NUCCI, J.C.; SOUZA, M.A.L.B.; FIALHO, N.O; DEL PICCHIA, P.C.D. *Problemas de utilização na Conceituação de termos como espaços livres, áreas verdes e correlatos*. In: **Congresso Brasileiro sobre Arborização Urbana II**, São Luiz/MA, 18-24/09/94. Anais. p. 539-550.

MANAGNI, J. G. C. *Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole*. In: **Na metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo, Edusp, 1996.

MOTA, S. **Urbanização e Meio Ambiente**. Rio de Janeiro. Abes, 1999

MONBEIG, P. **Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo**. Trad. Ary F. e Raul de A. São Paulo: Hucitec, 1984.

MORO, D. A. **Maringá Espaço e Tempo: ensaio de geografia urbana**. Maringá. Programa de Pós-Graduação em Geografia – Uem, 2003

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história** : suas origens, desenvolvimento e perspectivas. 2. ed. Trad. Neil R. da Silva. São Paulo : Martins Fontes, 1982. in DE ANGELIS, B. L. D. *A praça no contexto das cidades: o caso de Maringá PR*. 2000. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2000.

PELLETIER, J. & DELFANTE, C. **Cidade e Urbanismo no Mundo**. Lisboa. Difel, 1997

PLACANICA, A. *La piazza come spazio fisico e come allusione sociale*. In: VITALE, M.; SCAFOGLIO, D. (orgs). **La piazza nella storia: eventi, .liturgie, rapresentazioni**. Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane, 1995. Cap.2, p. 43-59.

ROBBA, F. **A Praça Contemporânea nas Grandes Capitais Brasileiras (1990 a 2004** Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2004.

ROBBA, F. & MACEDO, S. S. **Praças Brasileiras**. São Paulo. Edusp, 2003

SANTOS, M. **Manual de Geografia Urbana**. São Paulo. Hucitec, 1981

_____ **A Urbanização Brasileira**. São Paulo. Hucitec, 1993

_____ **Pensando o Espaço do Homem**. São Paulo. Hucitec, 1997

_____, **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo : Hucitec, 1988.

_____, **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1996.

SEVERINO, A.J. Metodologia do trabalho científico Cortez.. São Paulo, 1993

SILVA, A. C. da. **A metrópole ampliada e o bairro metropolitano: o caso de São Paulo**(Tese de Livre Docência), Dep. de Geografia, FFLCH/USP,. São Paulo, 1982.

SILVA, R.S. **Urdiduras e Tessituras Urbanas. Na história das Cidades e Estruturação Territorial de Assis**. Tese (doutorado). Faculdade de Ciências Letras de Assis. Universidade Estadual Paulista. 1997

SILVA, M.A.V. **A Praça do Ferreira: seu uso e apropriação**. Dissertação (mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000

SOUZA, M.L. de **Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002

SPOSITO, E. S. **Cidade, Urbanização, Metropolização**. Presidente Prudente: FCT-Unesp, 1997

SPOSITO, M. E. B. **O Embate entre as Questões Ambientais e Sociais no Urbano**. In: CARLOS, A. F. A. & LEMOS A. I. G. *Dilemas Urbanos: novas abordagens sobre a cidade*. São Paulo Contexto, 2003.

STSESCHENKO, W. S. **Contribuição ao Estudo e ao Processo de Produção da Praça Pública Paulistana – o Departamento de Parques e Áreas Verdes de São Paulo de 1967 a 1979**. Dissertação (mestrado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001

TAUK, S. M.(org) **Análise Ambiental: uma visão multidisciplinar**. São Paulo. Edunesp,1995

VAZ, R. H. DE M. & KLEIN, A. L. **A Agricultura no Médio Vale do Paranapanema**. Assis, s/d.

YÁZIGI, E. **O Mundo das Calçadas**. São Paulo. Imprensa Oficial, 2000